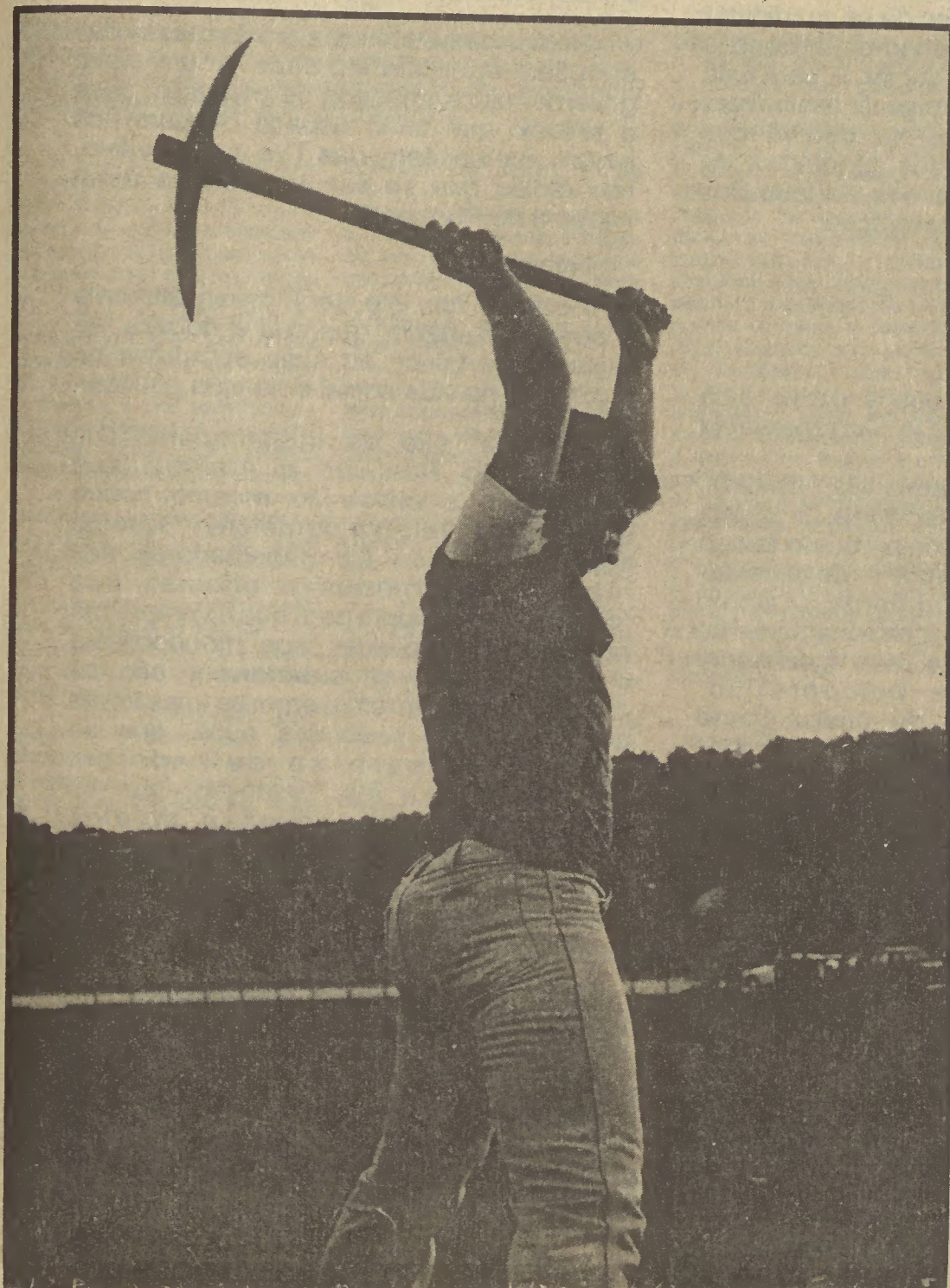




*A 22 dias da Festa
há ainda
muito que fazer!*

Pág.8/9



Pág.10

**O QUE VÃO TER
DE DIFERENTE
OS JOGOS DE MOSCOVO**

**Despedida
brutal
do MAP
de Vaz Portugal
não quebra
vontade
dos trabalhadores**



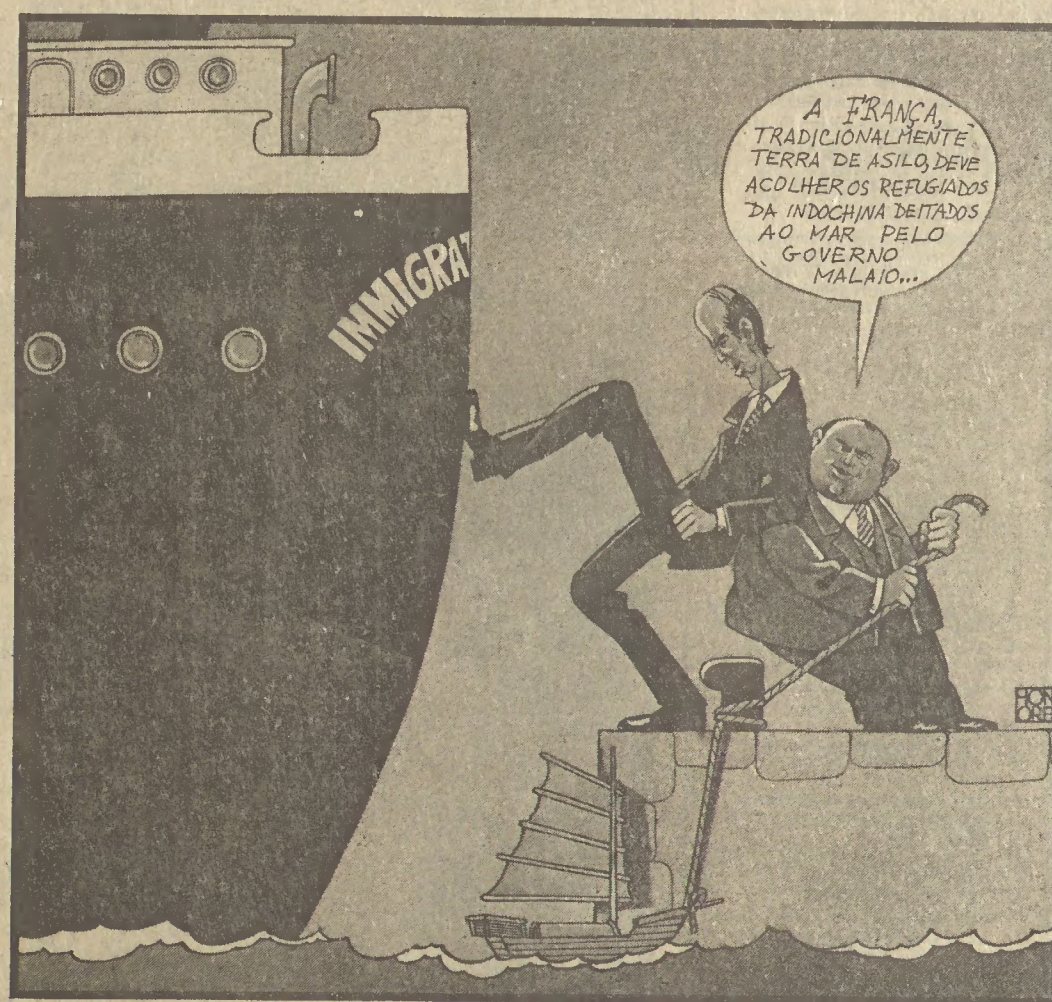
Pág.4

**Emigrantes
portugueses
em França**

**— uma situação
cheia de ameaças**

Vivem presentemente em França cerca de 900 mil portugueses — a maior comunidade de trabalhadores estrangeiros naquele país. Tal como referimos na pág. 4, a sua situação está agora cheia de ameaças: o governo francês pretende expulsar por ano 200 mil trabalhadores estrangeiros, ao longo dos próximos 5 anos... Que futuro espera os emigrantes portugueses?

Pág.4



O presidente Giscard e o primeiro-ministro Barre caricaturados na revista «Vie Ouvrière», órgão da CGT francesa

Os artistas
da Festa
do **Avante!**

págs. centrais

4

Editorial

AS PROVOCAÇÕES DA DIREITA EM CRISE

No presente momento e ao nível do regime, os partidos da direita atacam a Constituição da República Portuguesa e o sistema democrático no seu todo.

No que se refere aos órgãos de soberania, a reacção está em guerra aberta com o Presidente da República, o Conselho da Revolução, a Assembleia da República e o Governo.

Quanto a partidos políticos, PPD e CDS, abrem fogo nutrido contra o PS, a ASDI e o PCP.

Relativamente às forças sociais, a direita vocifera contra os sindicatos, a CGTP/Intersindical, as Comissões de Trabalhadores, as Comissões de Moradores, o MARN, o MAPRU, organizações de reformados, de mulheres, de jovens — e por diante.

No campo económico, os saudosistas do 24 de Abril atacam a Reforma Agrária, as UCPs e Cooperativas, as empresas nacionalizadas, as empresas intervenionadas e em autogestão, as cooperativas, o controlo de gestão, a independência económica do país.

Desde a constituição do V Governo constitucional, os partidos da direita manifestam-se incomodados com o que afirmam serem posições da hierarquia católica.

Ou seja — e em resumo: a direita portuguesa está incompatibilizada com o país.

Atente-se porém que neste quadro ressaltam ainda as profundas divisões da reacção.

O PPD e o CDS não se entendem na sua «Aliança» e apresentar-se-ão nas urnas com listas separadas. Essa coisa chamada PPM declara-se incomodado e faz exigências. O PDC desfez-se em desfalques e imbecilidades. O MARN não consegue pôr de acordo ex-ministros fascistas e teorizadores do racismo. A CAP fragmenta-se e divide-se sobre qual projecto fascizante deve apoiar. As organizações patronais desentendem-se, como com o actual caso do escândalo do imposto de selo dos medicamentos. A UGT volatiliza-se porque os «quadros» PPD e os «quadros» gonalistas têm diferendos.

No seio dos partidos da direita, as «alas», as «sensibilidades», as dissidências sucedem-se. Depois de ver o seu grupo parlamentar reduzido a metade, o PPD de Sá Carneiro muda de dirigentes, faz um congresso por mês, perde a compostura, barafusta, as «bases» dão conferências de imprensa por um lado e os «dirigentes» por outro. O CDS explica conspicuamente que não sabe o que há-de fazer, o deputado Cunha Simões abandona e Rui Pena, no primeiro dia de debate do programa de governo na Assembleia, faz birras acerca do local de onde deve insultar a democracia.

Ou seja — e em resumo: a direita portuguesa apresenta-se dividida e enfraquecida.

Desacreditada, em crise, derrotada face às soluções constitucionais adoptadas para saída da crise governativa provocada pela política de direita seguida pelos governos que influenciou e apoiou, temendo (e com razão) os resultados eleitorais de eleições em que não possa inteiramente jogar os seus sistemas de pressões, violências e ilegalidades caciqueiras e outras — a direita recorre à desestabilização e à provocação.

É neste quadro que se insere a «greve» dos latifundiários da medicina: é neste quadro que conta com o precioso apoio da comunicação social estatizada, colocada pelo Governo Mota Pinto ao serviço das forças que o país recusa.

Tal como toda a acção da direita tem sido permanentemente uma demonstração de incompatibilidade com os interesses do povo e da Pátria, a «greve» dirigida pelos médicos do CDS e do PPD é imagem em corpo inteiro desta direita: o total e profundo desprezo pelos direitos e necessidades do povo, inclusivé o próprio direito à vida; a provocação arrogante aos órgãos de soberania; a pressão descabelada na defesa de inconfessáveis privilégios de casta; o esforço desesperado para desorganizar, confundir, destruir.

Na comunicação social, a questão assume foros de escândalo. Rádio e Televisão desfazem-se em entrevistas, noticiários, reportagens, mentiras e meias-verdades. Toda a sua atenção se vira para os problemas internos da «aliança» reaccionária como se deles dependesse o futuro do país, quando — bem pelo contrário — cada vez essa direita mais se divorcia do país e este mais compreende que nela apenas reside o retrocesso, a paralisação, a exploração.

Tentando criar uma cobertura à caótica situação no campo da reacção, jornais, Rádio e Televisão descobrem novamente o esquerdismo. De repente, são entrevistas e extensas reportagens sobre as cisões da UDP, sobre as candidaturas que se desenham ou não se desenham em torno de Otelo Saraiva de Carvalho, sobre se o MRPP, afinal, ainda existe ou não. Trata-se, evidentemente, de um grande esforço para relançar o esquerdismo e tentar com isso prejudicar as forças democráticas. Mas como, entretanto, também o esquerdismo se ressentido do seu verbalismo incoerente, do seu constante alinhar com a direita, as «crises» esquerdistas servem aos escribas de serviço à direita para tentar insinuar que «também na esquerda há divisões». É facto que depois de assaltos e golpadas nos seus jornais, de trocas e saídas do deputado, de divisões e «alas», a UDP é ainda mais grupelho do que já fora. Os neonazis do MRPP desentendem-se até

o «educador do povo» abandona o secretário! Otelo Saraiva de Carvalho informa que não há possibilidades de se candidatar porque uma série de pseudo-organizações não se entendem para o apoiar. É, para esta gente, o preço de, bem longe de assumirem posições de esquerda na defesa dos interesses do povo e das conquistas da Revolução, terem enfileirado ao lado dos inimigos do povo e da Revolução.

Significa tudo isto que a direita está agonizante, que a direita já não representa qualquer perigo?

Longe disso. Enfraquecida, dividida, sofrendo derrotas consecutivas, a direita começa a desesperar, até porque o tempo joga contra ela. O seu projecto de desestabilização visa naturalmente o apoio à conspiração, ao golpe, permanentemente nos seus planos. Mas visa igualmente paralisar o regime democrático, desacreditá-lo junto do povo. Como o próprio povo diz, ela faz o mal e a caramunha: governa violando a Constituição para depois dizer que a Constituição não serve, governa contra as nacionalizações para dizer que as empresas nacionalizadas estiolam, ataca a Reforma Agrária para depois dizer que a Reforma Agrária não produz, vende o país ao imperialismo para depois dizer que a economia portuguesa está em crise, paralisa as instituições para depois dizer que estas são inadaptadas. Não se pode menosprezar o efeito que esta lenta campanha, conduzida por sucessivos governos e apoiada na acção de órgãos de comunicação colocados ao serviço da direita, pode exercer sobre o eleitorado.

A batalha do esclarecimento e do combate à propaganda da reacção é essencial para assegurar a defesa da democracia que passa pela derrota do CDS e do PPD nas próximas eleições.

O silêncio do Partido Socialista é, por isso, preocupante. Que pode procurar uma força democrática que não denuncia os perigos que se levantam à democracia, que não denuncia que a crise da direita é exactamente fruto da recusa do povo face à sua política? É certo que o PS tem largas responsabilidades na governação direitaista dos últimos três anos: mas será que o PS contempla interessado as convulsões da «aliança» reaccionária esperando que isto lhe abra condições favoráveis a novos compromissos com os partidos do 24 de Abril? Se assim é, o PS, que também já pagou e continua a pagar o preço do seu divórcio do povo e do País, pode estar certo que, se a direita paga caro a sua inevitável política antipovo, um partido democrático paga muitíssimo mais caro o afastar-se da democracia e do povo.

Nestas circunstâncias, a três meses das eleições intercalares, face a um novo governo, estas imagens de confusão, crise e silêncio que tanto espaço ocupam nos jornais que se lêem, nas TVs que se vêem, nas rádios que se escutam, são a única imagem de Portugal?

Não.

Portugal foi, é e será essencialmente o povo trabalhador que cria a riqueza, se organiza, fortalece as suas estruturas na produção, na vida social e na vida política.

Portugal são os trabalhadores dos campos do Ribatejo e Alentejo que asseguram a produção mesmo contra a selvagem ofensiva do defunto Governo Mota Pinto; são os trabalhadores das fábricas, escritórios e oficinas que trabalham e se batem para que as empresas não sejam devolvidas aos monopolistas e patrões que as sabotaram; são os camponeses que não querem as suas terras devolvidas aos senhorios ricos, que se organizam para se defenderem e melhorarem a sua produção; são os técnicos, os pequenos e médios comerciantes e industriais, os médicos, que não alinham com os jogos do grande capital, que trabalham e sabem que é no Portugal de Abril que têm o seu lugar.

Portugal é a classe trabalhadora que fortalece e alarga o seu poderoso movimento sindical unitário e independente.

Portugal são os milhares e milhares de homens, mulheres e jovens que querem defender o Portugal de Abril e a sua Constituição. Que exigem uma política democrática, responsável, honesta e coerente.

Quando, face à batalha eleitoral que se avizinha, o Partido Comunista Português aponta como objectivos derrotar uma vez mais a direita, manter e reforçar a maioria democrática na nova Assembleia da República e aumentar o número de votos e deputados comunistas, aponta os objectivos verdadeiramente nacionais.

Derrotar uma direita provadamente divorciada do País e dos seus interesses, manter e reforçar a possibilidade de as forças democráticas poderem efectivamente governar o Portugal democrático. E assegurar que o Partido dos trabalhadores, com a sua inabalável coesão, a sua coerência, o seu patriotismo e a sua devoção ao povo e à liberdade, prossiga, mais forte e mais influente, a sua tarefa de defesa e construção do Portugal de Abril.

A vitória é possível e é necessária.

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soares Pereira Gomes, 1699-Lisboa CODEX Tel. 768345.

ADMINISTRAÇÃO: Editorial Avante, S.A.R.L. Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt.º - 1000 Lisboa. Tel. 779744/779751.

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soares Pereira Gomes, 1699 Lisboa CODEX Tel. 779725/779722.

DISTRIBUIÇÃO:

CDL, Central Distribuidora Livreira, S.A.R.L. Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt.º - 1000 Lisboa. Tel. 779628/779625.

Centro Distribuidor de Lisboa: Av. Santos Dumont, 57-C/v - 1000 Lisboa. Tel. 769705. (Abrange os distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal).

Casa de Venda em Lisboa: Rua do Saco, 80 - 1200 Lisboa. Tel. 372238.

Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto. Tel. 28938.

Casa de Venda: R. do Almada, 18-2.º Esq. - 4000 Porto. Tel. 310441.

Centro Distribuidor do Centro: Rua 1.ª do Maio 186, Pedrúta - 3000 Coimbra. Tel. 31286.

Centro Distribuidor do Alentejo: Alcarova de Baixo, 13 - 7000 Évora. Tel. 26361.

Centro Distribuidor do Algarve: Rua 1.ª de Dezembro, 23 - 8000 Faro. Tel. 24417.

ASSINATURAS:

Av. Santos Dumont, 57-2.º Esq. - 1000 Lisboa. Tel. 779628.

PUBLICIDADE CENTRAL:

Av. Santos Dumont, 53-A - 1000 Lisboa. Tel. 776936/776950. Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq. - 4000 Porto. Tel. 311057.

EXPEDIÇÃO:

R. João de Deus, 24 - Venda Nova - 2700 Amadora. Tel. 900044.

Composto e impresso na Heika Portuguesa R. Elias Garcia, 27 - Venda Nova - 2700 Amadora.

Tiragem média do mês de Julho: 74 200



Avante!

ASSINATURAS

(NOVA TABELA DE PREÇOS)

Continente e Ilhas:	
50 números	500\$00 (via normal)
50 números	625\$00 (via aérea)
Angola, Cabo Verde, Guiné, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Brasil.	
50 números	525\$00 (via normal)
50 números	950\$00 (via aérea)
Espanha:	
50 números	525\$00 (via normal)
50 números	625\$00 (via aérea)
Europa:	
50 números	800\$00 (via normal)
50 números	950\$00 (via aérea)
Outros países:	
50 números	800\$00 (via normal)
50 números	1200\$00 (via aérea)

NOME
MORADA
LOCALIDADE Profissão

assinalar a modalidade de assinaturas, enviar cheque ou vale de correio para Departamento de assinaturas, Av. Santos Dumont, n.º 57, 2.º - 1000 Lisboa

LENINE E A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Albert Williams

O testemunho da queda do antigo regime e da vitória da grande revolução russa numa descrição do jornalista Albert Williams que assistiu à marcha triunfante do poder soviético em todo o país.



RÁDIO VARSÓVIA EM PORTUGUÊS

Rádio Varsóvia transmite diariamente em português nos seguintes horários e frequências (hora de Lisboa): pelas 22 horas, em ondas curtas, 31 e 41 metros, frequências de 9675 Khv e 7285 Khv; pelas 5 horas e 30, em ondas curtas, 41 e 49 metros, frequências de 7270 Khv e 6135 Khv, em ondas médias, 200 metros. O endereço do Rádio Varsóvia é 00-950, Caixa Postal 46, Varsóvia.

Octávio Pato na Caparica e em Peniche: «O povo português terá de ser chamado a decidir»

Ou se continua com a política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista, política que foi praticada pelos partidos que tiveram responsabilidades directas e determinantes nos sucessivos governos que nos últimos três anos dirigiram os negócios do país, designadamente o PPD, o CDS e o PS, ou se inicia uma viragem política que signifique uma real rectificação à nefasta política que vem sendo praticada desde 1976 — afirmou o camarada Octávio Pato, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central do PCP, discursando sexta-feira à noite no acampamento da Juventude Comunista, em São João da Caparica.

Depois de lembrar que o país se encontra no limiar de um dilema que o povo português terá de ser chamado a decidir, o dirigente comunista caracterizou a governação e a política iniciadas em 1976: — É a intensificação da exploração dos trabalhadores, com o congelamento da contratação colectiva e dos salários, os despedimentos, o aumento do desemprego, o aumento incessante do custo de vida; — é o agravamento insustentável das condições de vida, já não só das classes trabalhadoras como de outros sectores e camadas da população, nomeadamente os pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais;

— é a limitação dos direitos e liberdades dos cidadãos, com o recurso crescente à repressão e à arbitrariedade nas fábricas e nas empresas e particularmente nos campos da Reforma Agrária, onde o clima de violência atingiu proporções só

comparáveis às do 24 de Abril;

— é a política de ataque à Reforma Agrária, através de um verdadeiro bloqueio económico às cooperativas e de uma política de inviabilização de UCPs e cooperativas;

— é o ataque às nacionalizações através de toda uma política de crédito, de preços, de investimentos, de mercados, etc., a favor do capital privado e em detrimento das empresas nacionalizadas e a par de outras medidas visando justificar a sua futura reprivatização;

— é a política de sujeição ao imperialismo com o endividamento externo e as cedências às exigências do FMI;

— é, enfim, toda uma política de desastre nacional, que nada tem a ver com a nova realidade criada com o 25 de Abril.

Uma viragem política

E se essa política continuasse — sublinhou

Octávio Pato —, ela significaria a destruição de todas as grandes conquistas da Revolução de Abril, a liquidação da própria democracia, a reconstituição do poder dos monopólios.

Uma viragem política significa, na opinião do PCP, a defesa das liberdades e direitos dos cidadãos, o respeito pela Constituição e a estabilidade do próprio regime democrático, a defesa das nacionalizações, da Reforma Agrária, do controlo de gestão e de todas as conquistas dos trabalhadores; a defesa e melhoria das condições de vida dos trabalhadores e dos outros sectores e camadas da população; uma política de verdadeira recuperação e desenvolvimento económico, tendo em conta a nova realidade portuguesa, a reforma do ensino e uma política cultural ao serviço do povo; a salvaguarda da integridade territorial e da independência nacional; a rectificação de decisões e acções ilegais do Governo, nomeadamente do vergonhoso Governo de Mota Pinto.

Depois de assinalar que (ainda no desconhecimento do programa do novo Governo) se não conhece a política que este vai desenvolver, prevendo-se, no entanto que, tanto o Programa como a prática não assegure a viragem política preconizada pelo PCP, Octávio Pato

acentuou uma conclusão: a exoneração e afastamento do Governo de Mota Pinto, Governo PPD/CDS, representou uma significativa derrota para toda a reacção. E disse, mais adiante:

Se é certo que não há razões para optimismos excessivos, também é certo que o alargamento da luta e o reforço da unidade do movimento popular de massas — que foram os instrumentos decisivos para o derrubamento do governo de Mota Pinto/PPD/CDS — podem e devem desenvolver-se, assim como a unidade democrática, e criar as condições necessárias para assegurar a viragem política exigida pelos interesses do país e o respeito pela Constituição.

As próximas eleições podem dar uma resposta ao dilema que se coloca com crescente agudeza a todo o povo português.

A direita tem medo das eleições

As próximas eleições intercalares foram também tema de intervenção do camarada Octávio Pato, no discurso que proferiu em Peniche, no sábado, aquando da inauguração do novo Centro de Trabalho do PCP naquela vila piscatória, durante o qual recordou as frequentes e diversas provas de solidariedade que os presos recebiam da população de

Peniche, no tempo do fascismo.

Octávio Pato condenou, durante a sua intervenção, a greve que a Ordem dos Médicos tem promovido, por ela ser notoriamente ao serviço de interesses partidários mais que suspeitos. E afirmou:

Mas seja através de uma greve como esta, ou de qualquer outra acção desestabilizadora, a reacção não pode ocultar as sucessivas derrotas que ultimamente tem sofrido, sendo a maior de todas elas o afastamento do Governo Mota Pinto, com que a direita contava para realizar uma eleições à moda do «antigamente».

Dalí os ataques grosseiros e desenfreados, roçando o ridículo, que a reacção faz às figuras do Presidente da República e do novo Primeiro-Ministro.

Mais adiante, disse Octávio Pato:

A direita reacçãoária e os seus principais mentores recorrem a todos os subterfúgios para camuflar os seus desaires, mas não há trapézios nem equilibristas capazes de esconder uma verdade que começa a impor-se cada vez mais: o nervosismo da reacção e as suas campanhas de calúnias e de desestabilização são o reflexo das suas sucessivas derrotas, da sua crescente fraqueza e isolamento. A reacção está a ser derrotada e nas próximas eleições voltará a sofrer uma nova e grande derrota.

Açores: PCP desmonta manobras esquerdistas

O «Correio dos Açores» e a RTP Regional noticiavam há dias que o secretariado da UDP de Ponta Delgada «apoiava» a constituição de listas de «Unidade Popular» para as próximas eleições — as intercalares. Até aqui nada de especial a assinalar. Já todos bem conhecemos o que a UDP entende por «Unidade Popular»... No entanto, o comunicado deste agrupamento esquerdista — citado pelos referidos órgãos de informação regionais — dizia a dado passo que a UDP iniciara contactos com o MES, o PCP(R) e militantes do MDP/CDE, PCP e PS...

Os objectivos desta manobra, característica da prática esquerdista e provocatória, foram de imediato desmontados numa nota da SIP da Direcção da Organização da Região Autónoma dos Açores (DORAA) do PCP. Esclarece o comunicado dos comunistas açorianos que «o PCP nada tem a ver com a chamada «Unidade Popular» de que fala a UDP e «alerta todos os militantes comunistas e democratas para o carácter divisionista da acção da UDP, que deste modo

é consequente com os seus princípios — dividir a componente popular, para melhor a reacção atingir os seus objectivos: voltar à ditadura fascista-terrorista».

Termina o documento da SIP da DORAA salientando que o PCP «tem as suas listas formadas», as quais «na devida altura serão divulgadas».

Uma iniciativa separatista e a atitude passiva do Governo

Entretanto, a SIP da DORAA divulgou também recentemente outro comunicado onde denuncia com firmeza «a atitude passiva do Governo Regional de Mota Amaral/PPD perante a projectada visita de um congressista norte-americano aos Açores (Ponta Delgada) a convite de uma organização separatista-fascista», atitude que, aliás, «é demonstrativa — à semelhança de outras iniciativas idênticas já realizadas na Região dos Açores — do que o Governo Regional PPD entende por «autonomia sem limites».

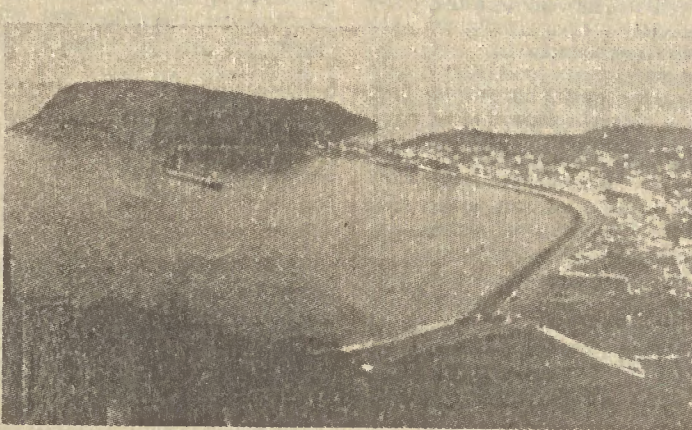
Depois de sublinhar que

a «autonomia» preconizada por Mota Amaral «tem-se traduzido por uma política de centralização de todos os poderes no Governo Regional e por uma prática de completa dependência do imperialismo e tem vindo persistentemente a pôr em causa a unidade nacional do território português», a SIP da DORAA do PCP, ao denunciar a forma como o PPD dá cobertura às actividades ilegais do separatismo (a «FLA» até convoca conferências de imprensa, promove «actividades», insulsa órgãos de soberania, etc.), alerta desde já todos os democratas e patriotas portugueses para mais estas tentativas dos separatistas, que acontecem num momento em que o PPD e o CDS acabam de sofrer uma pesada derrota com a queda do Governo Mota Pinto e a preparação das eleições intercalares.

E conclui o comunicado: «A unidade de todos os que pretendem efectivamente a consolidação da democracia portuguesa e uma verdadeira autonomia para os Açores, é fundamental para a defesa da integridade nacional.

«Carlos de interpretar os desejos das populações dos Açores, os comunistas tudo farão para, em unidade com os socialistas e todos os outros democratas, dar combate à actividade dos separatistas e impedir que os seus sinistros planos se concretizem.

«Os comunistas da Região Autónoma dos Açores chamam, ainda, a atenção dos órgãos de soberania para a necessidade urgente de se pôr cobro a tais actividades lesivas da integridade da Nação Portuguesa».



Actividades do Partido

● Margarida Tengarrinha na Festa do Couço — A camarada Margarida Tengarrinha, membro do Comité Central do Partido, participou, no passado dia 5, no comício que encerrou a Festa do Couço, promovida pela organização local e a que assistiram cerca de 600 pessoas. Na mesa que presidiu ao comício encontravam-se também representantes do Comité Local das Coreias do Vale do Sorraia, da Comissão de Freguesia do Couço e da Comissão Concelhia de Coruche. A Festa, que começara no dia anterior, à noite, incluiu um baile que veio a terminar na madrugada de domingo e, nessa manhã, houve provas desportivas, seguidas de um almoço, de um espectáculo teatral e de acção dos Pioneiros.

● O novo Centro em Pinhal Novo — Podemos desde já salientar — diz um comunicado da Comissão Pró Centro de Pinhal Novo, aludindo à Campanha local para o novo Centro de Trabalho — que ela salda-se por um resultado bastante positivo, se atendermos ao período em que foi lançada. A degradação do poder de compra de todos nós, que se tem vindo a agravar desde o VI Governo Provisório, passando pelos governos PS sozinhos, PS/CDS, Nobre da Costa e, por último o de Mota Pinto/PPD e, ainda, as limitações a que temos estados sujeitos, leva-nos assim a concluir que as dificuldades têm sido ultrapassadas.

20 comunicado salienta ainda o facto de ter sido comprado o terreno onde vai ser erguido o novo Centro. Esta compra, no valor de 225 contos, foi dinheiro vindo dos trabalhadores, democratas e outros amigos do nosso Partido que assim, de uma maneira ou de outra, têm demonstrado o prestígio de que desfruta o nosso Partido na freguesia.

● Célula da RN, Setúbal — No passado dia 4 de Agosto, um sábado, cerca de 55 pessoas participaram num jantar organizado pela Célula da RN (Setúbal), do Partido Comunista Português. Este jantar-convívio, que se integrou na Campanha concelhia para o novo Centro de Trabalho do Partido, realizou-se no restaurante «Caravela», daquela cidade, e veio a render a importância de 9 837\$20, a juntar às centenas de contos que já foram recolhidos durante a Campanha. De salientar que, entre os militantes do PCP que participaram nesta iniciativa, contaram-se também muitos

amigos e simpatizantes do Partido.

● Centro de Trabalho de Loriga — Mil e quinhentas pessoas participaram no baile durante a festa de inauguração do respectivo Centro de Trabalho do PCP. No dia seguinte, uma charanga de Sacavém percorreu as ruas e realizou-se um comício em que tomou a palavra o camarada Armando Morais, do CC. Manuel Freire participou no Cantor Livre. Registraram-se, entregues por camaradas de Sacavém, dadas no montante de 30 contos, para o Centro de Trabalho, além de um aparelho de televisão.

● José da Costa Lima — A célula da REPAL, Odiveias, enviou ao «Avante!» uma carta onde presta homenagem ao camarada José da Costa Lima, por ocasião do quarto aniversário da sua morte. Estamos certos — lê-se a dada passo — que tal como ele sabemos ser dignos contribuidores da justa luta em que participou e pela qual deu a vida. José da Costa Lima — recorda-se — morreu a 18 de Agosto de 1975, na sua terra natal, quando defendia o Centro de Trabalho de um bando de arruaceiros fascistas e contra-revolucionários. A célula da REPAL, de Odiveias, onde o camarada trabalhava, termina a sua carta apelando à unidade das forças democráticas e antifascistas.

● Festa dos Searreiros — Em Samora Correia, no passado dia 12 de Agosto, decorreu a Festa dos Searreiros que começou logo pela manhã, com alvorada de foguetes e morteiros, seguindo-se o mercado de produtos da Reforma Agrária. Nesta Festa, em que o camarada José Casanova, suplente da Comissão Política do CC, participou, fazendo uma intervenção sobre a situação política actual, verificaram-se várias actividades. Não foram esquecidas as crianças, para as quais foram preparadas actividades infantis, da parte da manhã. Houve ainda um desfile de ranchos folclóricos, seguido de cantares regionais com o grupo coral «Unidos do Baixo Alentejo» e um almoço-convívio. De tarde continuaram o folclore e os cantares regionais, com a participação do «Rancho Típico de Alqueidão», do grupo «União Pauliteiros», do grupo coral «Unidos do Baixo Alentejo», do grupo «Jornada», do rancho infantil da Casa do Povo de Benavente e do rancho da Casa do Povo de Benavente.

Festa de Agosto em Portimão atraiu milhares de pessoas e «lançou» no Algarve a Festa do «Avante!»

O lema é «Aqui começa a Festa do «Avante!». O local, a cidade de Portimão. A festa que mais uma vez se realizou, este ano nos dias 9, 10, 11 e 12, constitui já uma tradição enraizada desde há quatro anos na população e polo de atracção para os veraneantes. O esforço, o empenhamento da organização de Portimão do PCP fizeram mais uma vez, na Casa do Povo de Pescadores da cidade, desta Grande Festa de Agosto, um encontro de milhares de pessoas vivida com entusiasmo, alegria, sa confraternização.

O corpo da festa era constituído por um stand político com exposições sobre a actividade do Partido e camaradas que desenvolveram acções de esclarecimento entre os visitantes; stands da UEC, da UEC, da Associação Portugal-URSS, da CDL e ainda stands de artesanato, quermesse, serviços de bar e restaurante. Durante as noites de festa, actuaram Carlos do Carmo, Fernando Tordo, Fernando Farinha, Joaquim Pessoa, o conjunto «Os Galés» e o conjunto «POPS 71» que animou um sempre concorrido baile. Momento de destaque nesta Grande Festa de Agosto, foi o comício de encerramento no qual intervieram os camaradas José Vitoriano da Comissão Política do Comité Central, Margarida Tengarrinha do Comité Central e Pedro Sintra do Executivo da Comissão Concelhia de Portimão.

Vamos todos derrotar a reacção!

José Vitoriano, depois de referir os ataques da reacção aos quais a democracia tem resistido e continuará a resistir, afirmou: — É um facto que a direita tem frequentemente governando o país, mesmo quando não está nominalmente no poder. Mas a existência de uma maioria de comunistas e socialistas na Assembleia da República, apesar de nunca ter funcionado em termos de poder político, porque o PS a isso sempre se recusou, tem sido um factor positivo e tem impedido, por vezes, governos da direita, como aconteceu agora no caso do Governo Mota Pinto, de irem ainda mais longe na sua fúria destruidora das conquistas democráticas. A Assembleia da República tem-nos impedido, quer fazendo legislação própria, quer chamando a ratificação e anulando ou corrigindo legislação do Governo. Claro que quando a direita tem governado através do PS, como já aconteceu, isto tem sido mais complicado e mais difícil. Então a direita tem conseguido em muitos casos as leis que tem querido como sucedeu com o que aqui se chamou o pacote de contra-revolução legislativa de 1977.

efectividade de funções, ou seja 132, para que o programa seja de facto rejeitado?

Concluindo que a aliança reacçãoária dispõe apenas de 70 votos — a não ser que o PS viesse a juntar-se-lhe na votação, o que não parece provável — como minoria que é e continuará a ser após eleições, José Vitoriano abordou, em seguida, uma questão que preocupa os democratas sinceros: qual a posição do PS perante os jogos da direita?

Há quem diga, com base nas afirmações do próprio Sá Carneiro, que uma das razões não é única possivelmente da resistência do «chefe» às listas conjuntas é para ter depois facilidade de manobra para se desligar dos correligionários de agora e aliar-se ao PS no caso da aliança PPD/CDS/PPM continuar minoritária, como certamente continuará. Isto é, ainda se está a três meses do acto eleitoral, ainda a aliança

está fresquinha e já Sá Carneiro pensa roer a corda e desfazer-se dos seus dois aliados no caso destes não lhe darem a maioria para governar.

Por outro lado ao PS também lhe será mais fácil aliar-se a um dos três (ou melhor a um dos dois porque o terceiro não vale nada) do que aliar-se à coligação.

De resto a aliança com a direita está na lógica das alianças do PS. O próprio Mário Soares terá já dito que não há amos eternos no amor como na política, ao mesmo tempo que em declarações recentes ao jornal alemão Die Welt afirmou uma vez mais que nunca haverá em Portugal uma aliança PS/PCP.

Ora se não vai governar sozinho, experiência que não parece desejoso de repetir, e até porque de modo nenhum está seguro de que vai continuar a ser o maior partido eleitoral, se não quer saber de alianças com o PC e se deseja ser governo,

obstáculos à realização destas festas. Exactamente porque isto não aconteceu só em Portimão é que podemos tirar conclusões de um facto que se repete um pouco por todo o lado. O Vale do Jamar foi-nos negado para a Festa do «Avante!». Em Braga, o Parque Municipal da Exposição foi conseguido para a Festa de Alegria à custa de duros esforços.

Porque acontece isto? Compreendemo-lo seirmos que só este ano mais de 100 festas se realizaram de Norte a Sul, promovidas pelos comunistas. Hoje mesmo se está a realizar em Vila Flor, no distrito de Bragança, uma grande festa. Na zona de mais difícil penetração das forças democráticas do Continente. «Estas festas são actos de alegria, de convívio, de fraternidade e também de expansão da cultura».

Analisando o significado profundo das festas realizadas pelo PCP, Margarida Tengarrinha salienta:

— Estas festas que encontram nos sentimentos democráticos, progressistas, humanistas da população, mostram ao povo, melhor do que qualquer propaganda, o que são, como são, o que querem os comunistas para Portugal; mostram a sua capacidade de realização, criação e trabalho dos comunistas. Em Portugal ninguém pode trabalhar como nós porque somos o Partido dos Trabalhadores.

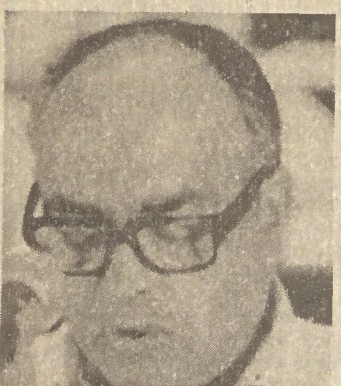
A terminar a camarada destacaria aspectos da luta dos trabalhadores algavios, tema que seria retomado por Pedro Sintra, da Organização de Portimão do PCP. Analisando as dificuldades que atingem a democracia neste momento e os seus reflexos na região de Portimão, onde a política de recuperação capitalista de governos de direita devolveu ao patronato sabotador várias empresas como é o caso da Rainha, da Torralta, da Embamar e criou dificuldades a outras como é o caso da Judice Fialho, afirmou o camarada:

«Os vários governos nada têm feito para resolver os problemas económicos do concelho, que se agravam dia a dia especialmente no sector de conservas, pescas e turismo».

E terminou saudando as operárias conservas, que em luta pela melhoria das suas condições de vida, paralizaram recentemente, os trabalhadores da Hotelaria, em particular os da Torralta, e todos aqueles que no concelho lutam pela defesa da democracia, das liberdades e das conquistas de Abril.



Margarida Tengarrinha



José Vitoriano

como tudo indica que sim, só o poderá ser em aliança com a direita. E portanto será nisso que já está a pensar.

Há dias Mário Soares afirmava que o PS vai derrotar o «bloco conservador-monárquico», expressão por que designa a aliança reacçãoária, e vai derrotar o PC. Nós preferimos dizer doutra maneira: vamos derrotar a reacção.

As festas do Partido mostram o que somos

Margarida Tengarrinha, depois de ter saudado a tenacidade das camaradas organizadoras da Festa, acentuou:

As Comissões de Turismo deviam ter a ombridade de reconhecer que festas como a de Portimão são a mais viva, a mais actuante propaganda turística do verdadeiro turismo de massas do Algarve. Mas em vez disso levantam todos os

Agenda

Dia 17, Sexta-feira

Casebres, no Centro de Trabalho, às 21 horas, sessão de esclarecimento com o camarada António Gervásio, da Comissão Política do Comité Central. Em defesa da Reforma Agrária!

Dia 18, Sábado

Santa Cruz de Atenas (Santiago do Cacém), às 21 horas, sessão de esclarecimento com o camarada António José Anadeto, membro suplente do Comité Central ● Alcácer do Sal, no Centro de Trabalho, almoço de confraternização, para angariação de fundos para a Festa do «Avante!» ● Costa da Caparica, na Praça de N.º S.º dos Navegantes, a "Festa da Costa", organizada pela Comissão de Freguesia local do PCP. Música, canções e baile com o conjunto "Os Vermelhos". Bancas.

Dia 19, Domingo

Costa da Caparica — A "Festa da Costa", que prossegue com o programa do dia anterior, encerrará com um comício em que participará um camarada do CC ● Foros de Salvaterra, às 16 horas, sessão de esclarecimento com a camarada Margarida Tengarrinha, membro do Comité Central

Cartões do Partido

Pede-se a todos os camaradas que ainda não possuam o seu cartão, apesar de aceites como membros do Partido há mais de um mês, o favor

de se dirigirem pessoalmente ou por escrito à Comissão Central de Organização, Rua Soeiro Pereira Gomes 1699 Lisboa-Codex, para exporem o seu caso.

CAMARADAS FALECIDOS

CARLOS SANTOS MARTINS PENA — Em 28 de Julho passado, vítima de acidente de viação, faleceu o camarada Carlos Santos Martins Pena, que contava 38 anos de idade e era militante da célula do Banto Totta e Açores do Partido Comunista Português.

MANUEL DUARTE DA SILVA — Militante da célula da Mesical do PCP, faleceu, vítima de afogamento, o camarada Manuel Duarte da Silva, de 23 anos de idade, que era serralleiro mecânico e natural da Barrosa, Benavente.

LENINE E A REVOLUÇÃO



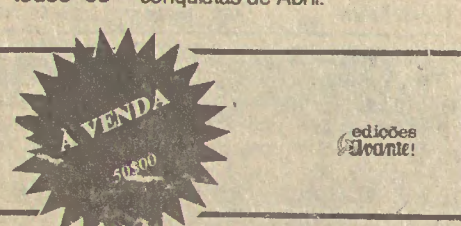
O testemunho da queda do antigo regime e da vitória da grande revolução russa numa descrição

do jornalista Albert Williams que assistiu à marcha triunfante do poder soviético

em português

CIÊNCIAS SOCIAIS

Uma revista nova que informará da actividade de mais de 30 institutos de investigação científica da Academia das Ciências da URSS, nos domínios da FILOSOFIA, HISTÓRIA, ECONOMIA, POLÍTICA, SOCIOLOGIA, DIREITO, FILOGIA, PSICOLOGIA, ETNOGRAFIA E ARQUEOLOGIA.



Semana

8

Quarta-feira

1709 — O padre Bartolomeu de Gusmão, matemático, faz em Lisboa uma experiência de voo na "Passarola", um aeróstat de sua invenção.



Ramalho Eanes e Luis Cabral

O Presidente Luis Cabral, da Guiné-Bissau, deixa Portugal, onde esteve em visita particular, tendo o general Ramalho Eanes estado no aeroporto a apresentar despedidas. ■ O V Governo reúne em S. Bento para ultimar o programa a apresentar à Assembleia da República e decide prolongar a intervenção do Estado, por mais 30 dias, na Sociedade de Vinhos Borges. ■ Chegam a Lisboa 23 portugueses expulsos de Moçambique, onde se encontravam detidos. ■ Trabalhadores conservadores paralisam durante duas horas, protestando contra a atitude das associações patronais que se têm mostrado inflexíveis nas negociações sobre a revisão do CCT do sector. ■ A Ordem dos Médicos decide a continuação da greve, depois de conhecido o teor de um comunicado da Presidência da República que anuncia a entrega do estatuto do médico, aprovado pelo governo MP/PPD, ao novo governo, para reacção. ■ A GNR e um bando de agrários causam 12 feridos entre os trabalhadores que, em Casebres, comparecem na Herdade do Vale de Alcácer para impedirem a extração de cortiça pelo agrário, que lhes roubara já 225 cabeças de gado. ■ Trabalhadores da Corame decidem continuar a paralisação total, iniciada há vários dias, para lutar contra a tentativa de entrega da empresa ao antigo patrão saboteador.

9

Quinta-feira

1926 — Nas primeiras "eleições" promovidas pelo Estado fascista, Carmona ascende à Presidência da República.

A chamada "Aliança Democrática" regista já as primeiras quebras nos seus anéis. Enquanto o PPD parece decidir-se pelas listas separadas e o PPM toma publicamente posição contra o partido de Sá Carneiro, o CDS critica veementemente este seu "parceiro" e lamenta que a "nova maioria" possa não vir a concretizar-se. ■ A Federação dos Sindicatos Rodoviários, em comunicado, defende a extensão dos passeios sociais a todo o país e manifesta-se contrária ao grande aumento de tarifas dos últimos anos. ■ Em conferência de imprensa, o líder separatista da FLA anuncia a intenção daquela organização fascista de provocar a "desestabilização política nas instituições portuguesas nos Açores". ■ A CGTP-IN denuncia como "tentativa de furto" a decisão do governo Mota Pinto de proibir o pagamento de salários e pensões do mês de Dezembro a quem não exibir o recibo da entrega da declaração do Imposto Complementar.

10

Sexta-feira

1974 — O governo português reconhece "de facto" a República da Guiné-Bissau.



A Aliança: sorrisos para o retrato...

Um comunicado da Presidência da República "lamenta que a Ordem dos Médicos tenha decidido optar por atitudes de pressão que manifestamente prejudicam o interesse público". ■ Segundo o matutino "o diário", o patronato do Porto deve mais de cinco milhões de contos às quatro Caxas de Previdência distritais — Têxtil, Indústria, Comércio, Serviços. ■ A "Aliança Democrática" "aligeira" a sua aliança. As faladas listas conjuntas para as eleições intercalares resumem-se à "possível efectivação de coligações distritais bilaterais PSD/PPM e CDS/PPM". ■ Segundo um protocolo assinado no Maputo, a Selenave deverá elaborar o estudo preliminar de um plano director da Indústria de construção e reparação naval da RNM. ■ A Câmara Municipal de Évora tornou pública a sua decisão de "estar presente, doravante, em todas as devoluções e marcações ou entregas de reservas". ■ A Câmara não se demite da responsabilidade que lhe cabe de defender a sua população.

11

Sábado

1829 — Primeira grande vitória dos Liberais sobre os Absolutistas, na Praia da Vitória.

Sorvida pelos especuladores, a batata desaparece do mercado. Segundo as Cooperativas Agrícolas do Norte e Centro, que solicitaram ao Governo uma audiência para discussão do assunto, os novos pregos da batata de consumo, fixados por portaria do governo MP/PPD, são ruinosos para os produtores e um desafio aos especuladores, que armazenam a batata na mira de maiores lucros. ■ Em reuniões realizadas no Porto e em Coimbra, a Ordem dos Médicos preconiza o alargamento da sua greve legal à "totalidade dos locais oficiais e de saúde", numa escalada que o Presidente do Sindicato dos Médicos da região Sul enquadrava numa "obscura campanha de direita". ■ Entretanto, o Ministro da Comunicação Social ordena a realização de um inquérito à RDP, "que chegou a difundir notícias obviamente deturpadas" sobre o assunto, fixando à CA um prazo de cinco dias para apresentação de um relatório para apuramento de responsabilidades. Trata-se do primeiro inquérito de iniciativa governamental mandado instaurar à RDP desde que a CA ali foi ilegalmente instalada pelo ex-ministro Lourenço de Carvalho. ■ Referindo-se ao governo de Maria de Lourdes Pintasilgo, no comício que assinalou a inauguração do novo Centro de Trabalho do PCP em Peniche, Octávio Pato manifestou a esperança" de que o novo governo suspenda e rectifique as medidas ilegais e arbitrarias decididas por MP e leve a cabo uma política que assegure condições democráticas para a realização das eleições que se avizinharam".

12

Domingo

1974 — Amotinam-se os prisioneiros na Penitenciária de Lisboa. Em poucas horas, milhares de pessoas ali acorrem, organizando-se em piquetes de vigilância popular.

Domingo esbraseado de Agosto: 38 graus em Beja, 35 em Lisboa e um pouco mais em zonas do interior como Portalegre, Évora e Vila Real atiraram todos os que o puderam para as praias de mar, para as margens dos rios ou, quando menos, para as matas sombreadas ou as sombras dos (poucos) jardins claudinos. ■ Nas estradas da pressa de ir e vir, o flagelo do acidente: em 48 horas, 22 mortos e 242 feridos. ■ E os fogos do Verão: entre muitos (Belmonte, Penela, Carnaxide, Cascais, Gália, Ermesinde), o de Figueiró dos Vinhos, que destruiu 90 km² de mata, terras de cultivo, animais e casas; na povoação de Casal de Alge, quase totalmente destruída, um morto. ■ António Arnaut, dirigente do PS, considera legítima a eventualidade da requisição civil dos médicos. ■ Mais de 10 mil pessoas participaram, sexta, sábado e domingo, na Grande Festa de Agosto em Portimão, promovida pela Comissão Concelhia local do PCP. ■ Para o CDS, pela voz de Luís Barbosa, o verdadeiro "alvo" — mais do que o governo de M. Lourdes Pintasilgo ou o PR — é a "maioria de esquerda".

13

Segunda-feira

1783 — Morre o pintor Francisco de Matos Vieira, de seu nome artístico Vieira Lusitano, que se notabilizou no desenho e na gravura.



O V Governo na AR

Acolhido com agressividade pelos partidos da direita reacçãoária, o Governo de Maria de Lourdes Pintasilgo apresenta-se ao Parlamento onde se indica o debate do seu programa. ■ A falta de medicamentos nas farmácias está a atingir uma "situação de ruptura", afirma a Associação Nacional de Farmácias, que considera urgente que o novo governo reveja a decisão do MP que retira da bolsa dos doentes o imposto de 5 por cento que cabia aos industriais de medicamentos — ou seja, as multinacionais que dominam o ramo. ■ A Comissão Sindical Negociadora da Rodoviária Nacional decidiu desconvocar a greve marcada para o próximo dia 16: o conceito de gerência comprometeu-se a satisfazer as principais reivindicações dos trabalhadores.

14

Terça-feira

1433 — Morre em Lisboa D. João I.

Em conferência de imprensa, uma delegação de emigrantes portugueses em França denuncia a intenção do governo francês de expulsar nos próximos cinco anos um milhão de trabalhadores ali imigrados. ■ Em Avis, uma força da GNR provoca feridos entre a população que protestava contra o despojo de uma família da casa que legitimamente habitava. ■ O Sindicato das Indústrias Químicas denuncia o propósito do governo regional da Madeira de encerrar definitivamente a fábrica de borrachas "Leacoc", naquela região autónoma, apesar de estar provada a sua viabilidade económica.

Despedida brutal do MAP de Vaz Portugal não quebra vontade dos trabalhadores

O Governo Mota Pinto despediu-se da mesma forma com que entrara: com o desencadear de violência sobre os trabalhadores, com ilegalidades e repressão. A única diferença entre um e outro momento, foi de tom: na despedida o Governo Mota Pinto intensificou as acções repressivas, redobrou a agressividade, ultrapassou-se a si próprio no desrespeito à lei.

Se como governo da direita, havia penetrado na actividade política ressaltado contra os trabalhadores e as massas populares, pior saiu, porque se não fora o grandioso movimento popular de massas repudiando-o abertamente, Mota Pinto continuaria de poleiro na destruição sistemática das conquistas da democracia.

Um governo que se manteve pela violência, um governo com um apoio minoritário, despediu-se agredindo uma vez mais a maioria: o povo trabalhador, homens e mulheres que mais não querem que trabalhar e produzir em paz. Contra eles, e através deles contra todos os trabalhadores, contra todo o povo, o Governo Mota Pinto, nos derradeiros dias, acelerou o processo de reservas ilegais, deu ordens para maiores e mais graves agressões contra os trabalhadores da Reforma Agrária. Assim foi

a 31 de Julho em Évora, com a destruição da UCP «Fonte de Boa Vinha» à qual praticamente foi retirada a totalidade de terras através da entrega de duas reservas que somam cerca de mil hectares. Assim foi, neste dia em que um forte contingente da GNR disparou bala simulada e agrediu trabalhadores ao mesmo tempo que os agrários presentes insultavam e ameaçavam o presidente da Câmara Municipal de Évora e dois vereadores, e provocadores atavam fogo ao restolho da seara onde se concentravam os agrários para depois tentarem acusar os trabalhadores de tal acção. Resultado: homens, mulheres, jovens e idosos, espancados, alguns feridos, 46 trabalhadores sem terras para trabalhar, terras que nas mãos dos agrários em breve serão mato ou estarão subaproveitadas, futuros

problemas graves no fornecimento do leite à população de Évora já que a UCP destruída era um dos principais produtores de leite pasteurizado do concelho.

Mesmo à hora de deixar o poder que utilizou incamente para gaúdio das forças reacçãoárias, o Governo Mota Pinto fez correr, de novo, sangue de trabalhadores da terra. Foi em Alcácer do Sal, no passado dia 8, na Herdade Vale de Alcácer, integrada na Cooperativa de Casebres, herdade devolvida ilegalmente há meses a um indivíduo de nome Júlio Azougado. Depois de ter roubado aos trabalhadores 225 cabeças de gado, o que lhe valeu um processo em tribunal, este agrário pretendia na segunda-feira da semana passada extrair a cortiça do montado existente na herdade. Como os trabalhadores não estivessem dispostos em consentir em mais um roubo, compareceu uma força da GNR que ordenou a saída da propriedade de ambas as partes, considerando que a decisão sobre a propriedade da cortiça pertencia ao Tribunal. Tal procedimento não agradou obviamente ao senhor Vaz Portugal e ao senhor Goulão; numa palavra, ao

Governo Mota Pinto que relativamente aos trabalhadores desde sempre conheceu única e somente a linguagem da agressão. Por isso, quando o agrário acompanhado por outros membros da sua classe, compareceu na quarta-feira seguinte na mira da cortiça, as forças da GNR tinham ordem para apoiar e fizeram-no com um deflagrar inaudito de violência sobre os trabalhadores. Foram disparados tiros de bala real, utilizados os gases lacrimogéneos e um novo tipo de arma, importada da RFA, dizem, equipado com um cilindro de borracha macia, que disparada a uma certa distância parte braços, pernas, cabeças, etc., chegando a provocar a morte do agredido. Lado a lado com a GNR, agrários dispararam. Além de diversos feridos mais ligeiros, três trabalhadores ficaram hospitalizados: um em estado grave com o abdómen perfurado por uma bala; outro com uma bala no fémur direito e uma trabalhadora com uma clavicula partida e graves lesões nos seios.

E agora?

Concretamente em relação a estes odiosos casos de prepotência, não bastará o serem obra de um governo que já não existe. As consequências dos factos ocorridos em Évora e Alcácer mantêm-se tal como tantas e tantas outras ilegalidades do Governo Mota Pinto.

A União dos Sindicatos relativamente a Casebres, exige num comunicado público «a prisão do criminoso comandante da GNR assim como um rigoroso inquérito à acção da GNR em toda a zona de intervenção». No mesmo sentido, o Secretariado Nacional da CGTP-Intersindical Nacional pediu a intervenção oficial «com vista ao apuramento das responsabilidades e consequente procedimento». Afirma a CGTP que «a confirmarem-se as notícias divulgadas, a acção levada a cabo pela GNR antes de se conhecer a decisão judicial sobre a posse da cortiça,

e a intervenção dos civis armados nos acontecimentos não pode deixar de se considerar criminosas», e conclui que os acontecimentos de Casebres, tal como outros semelhantes, «têm origem na acção anticonstitucional, ilegal, irresponsável e arbitrária dos ex-proprietários do MAP que transformaram este departamento estatal num coio de reacçãoárias ao serviços dos agrários e da política antinacional, antipatriótica e antitrabalhadores que se teimou em prosseguir».

Da mesma indignação compartilham as organizações dos trabalhadores do sector agrícola. O Secretariado da Federação dos Sindicatos Agrícolas do Sul exige que os homens que, em Casebres, «comandaram a operação sejam conduzidos perante a justiça». E a direcção do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja insiste na necessidade de «se tomar medidas para que os provocadores e repressores sejam chamados à responsabilidade e respondam em tribunal pelos crimes cometidos, atribuindo-se-lhes severos castigos».

As organizações de trabalhadores espelham assim um descontentamento que não é apenas o das classes que representam. Um descontentamento que é da opinião pública, das diversas camadas da população indignada. Em Évora, na sequência dos acontecimentos na UCP «Fonte de Boa Vinha», cerca de 5000 pessoas vieram às ruas dizer do seu protesto e da sua combatividade. Abrindo a manifestação, as mulheres mostraram que, mais forte do que o pânico que o Governo Mota Pinto se esforçou por gerar nos trabalhadores, é a vontade de luta por trabalho para si e pão para os filhos. Também em Casebres, onde os acontecimentos foram ainda mais duros, o sangue dos trabalhadores não afogou a determinação de lutar e vencer. Porque os objectivos da luta são justos: deixar nas suas mãos, as terras que

puseram a produzir, os gados que ganharam com o seu trabalho, as máquinas compradas com o seu esforço ou com ele tornadas produtivas; o apoio, o estímulo à produção, a manutenção dos postos de trabalho.

O que querem os trabalhadores?

Os problemas da Reforma Agrária, a ofensiva que sobre ela tem vindo a intensificar-se sucessivamente, precisam de solução urgente sob risco de parte decisiva da produção agrícola nacional ficar comprometida e a breve trecho a fome de géneros avançar pelo país.

Para tal solução urgente, os trabalhadores pensam que um primeiro passo fundamental é verificar-se a substituição da política de força bruta e ilegal por uma política de diálogo em que se permita «aprofundar os problemas existentes e desenvolver uma análise correcta da aplicação da lei na sua globalidade», como salientaram os representantes dos Secretariados e Unões Distritais das UCPs e Cooperativas Agrícolas que, no passado dia 7, se avistaram com o actual ministro da Agricultura e Pescas, Joaquim Lourenço.

O que os trabalhadores querem resume-se em três palavras: reposição da legalidade. O que implica a tomada de medidas rectificadoras «das prepotências, ilegalidades e arrogância da política do ex-governo Mota Pinto», «medidas necessárias ao apaziguamento social desejável» e a paralisação da máquina montada nas Direcções Regionais do MAP, por Vaz Portugal para, mesmo após a sua saída do MAP, se executarem mais reservas ilegais. O que implica ainda, em vésperas das Sementeiras de Outono-Inverno, garantias de crédito e outras ao grande esforço produtivo que mais uma vez os trabalhadores da Reforma Agrária está dispostos a encetar para a recuperação e desenvolvimento económico do país.



Emigrantes portugueses em França: Uma situação cheia de ameaças!

● Governo francês quer expulsar por ano 200 mil trabalhadores estrangeiros

A situação da emigração em França corre o risco de se agravar enormemente se forem aprovados no próximo Outono dois projectos de lei em debate na Assembleia Nacional e no Senado francês — o alerta à opinião pública portuguesa foi lançado anteontem no decorrer de uma conferência de imprensa realizada na sede da CGTP-IN, em Lisboa.

O encontro com os jornalistas foi convocado por uma delegação representativa de várias Associações de Trabalhadores Emigrantes em França e teve como o principal objectivo a divulgação dos graves problemas que afectam neste momento os nossos compatriotas que estão a trabalhar naquele país, assim como os resultados das diligências acabadas de efectuar junto dos órgãos do Poder nesse sentido.

Detendo-se em particular nos referidos projectos apresentados pelo Executivo francês ao Parlamento e ao Senado, salientaram os promotores da conferência de imprensa:

Os árabes e outros imigrantes serão particularmente visados por essa legislação, mas nem os portugueses nem as outras comunidades de imigrantes serão excluídos, apesar de todas as declarações das autoridades francesas, para nos tranquilizarem e paralisarem os nossos esforços comuns contra os dois projectos-lei em questão. A repressão e as discriminações de que os portugueses têm sido vítimas, como todos os outros trabalhadores imigrados, e o próprio texto dos dois projectos-lei mostram, de facto, que as autoridades francesas não fazem quaisquer excepções.

A este propósito sublinharam que o mesmo ministro que ainda recentemente prometeu ao embaixador português em Paris, António Siqueira Freire, que os trabalhadores do nosso país não seriam afectados pelas manobras do governo francês para expulsar os trabalhadores estrangeiros, fez idênticas declarações na Argélia referindo-se aos emigrantes deste país africano presentemente a trabalhar em França. Enfim, promessas e mentiras não faltam na política do executivo francês...

Expulsar: palavra de ordem das autoridades francesas

A feroz ofensiva contra os emigrantes é uma das componentes da política governamental francesa, que, de forma grosseira e provocatória, utiliza os meios que

conferência de imprensa a que nos referimos. Explicando com elementos mais pormenorizados a manobra das autoridades francesas, sublinha aquele documento:

Para o efeito, os poderes do ministro do Interior e dos Prefeitos serão consideravelmente aumentados. Eles poderão ordenar o internamento administrativo em casos especiais, logo seguido de expulsão do país, de todos os imigrantes considerados como «perturbadores da ordem pública» (1), de todos os que estejam desempregados para além de seis meses, de todos os que por motivos de saúde, estejam incapacitados de trabalhar, de todos os que não disponham de meios de subsistência suficientes ou regulares, de todos os que sejam recusados a Carta de Estadia ou lhe tenham introduzido qualquer falsificação. Tais disposições,

como é fácil de prever, abrem a porta a toda a espécie de arbitrariedades.

Tal como afirmaram os promotores da conferência de imprensa, aquelas disposições poderão estimular ainda mais as perseguições e enxovalhos a emigrantes que há muito se verificam, nomeadamente no metropolitano parisiense, onde um trabalhador estrangeiro (por exemplo, português) chega a ser interceptado pela polícia várias vezes num espaço de 15 ou 20 minutos.

Ainda não se conhece a 100 por cento a amplitude das manobras do governo francês. No entanto, muitos emigrantes portugueses pensam que indivíduos como Stolerou, secretário de Estado da Emigração, não hesitarão em recorrer a argumentos como o de muitos emigrantes terem entrado em França clandestinamente, mesmo que hoje tenham a sua situação perfeitamente regularizada. E no caso português, a percentagem de trabalhadores assim abrangidos eleva-se a mais de 50 por cento...

A ameaça directa também marca presença destacada na



política francesa em relação aos emigrantes. Um exemplo significativo: em Dezembro de 1978 o sr. Stolerou afirmou categoricamente na TV francesa que o seu governo ainda não sabia o que iria fazer às 400 mil Cartas de Estadia cuja renovação é obrigatória agora em 1979...

Um amplo movimento de protesto

Pelo que aqui já referimos (que, no entanto, não dá uma imagem completa da situação) fica bem patente a dureza da luta travada pelos emigrantes portugueses e por todos os outros trabalhadores estrangeiros em terras de França. No entanto, eles não estão sozinhos nessa difícil luta. Contam naquele país com a solidariedade, o apoio e a compreensão de centrais sindicais, nomeadamente a CGT e a dos professores, de sindicatos, de organizações religiosas e de defesa dos direitos do homem, de organizações anti-racistas, de Associações de Emigrantes constituídas em vários pontos do território francês e de partidos políticos, em especial do Partido Comunista Francês (PCF), autor de um projecto democrático para a Emigração, sendo de registar que o PS francês apoia a justa luta das comunidades emigradas apenas «numa certa medida», pois em vários aspectos junta-se ao governo em iniciativas de discriminação para os trabalhadores estrangeiros, como é o caso da atribuição de abonos de família.

O amplo movimento de protesto, com expressão em França e também a nível internacional, designadamente em conferências realizadas no estrangeiro sobre os problemas dos trabalhadores emigrantes na Europa, encontros esses que têm registado a participação da CGTP-IN, já alcançou algumas vitórias dignas de realce. E uma delas, talvez a mais importante, foi a sensibilização dos deputados franceses para a questão dos trabalhadores estrangeiros. Com efeito, ao contrário do que queria o governo, os dois projectos-lei a que já nos referimos não foram votados em pleno Verão, estando marcada

a continuação do debate para o próximo Outono.

Pela nossa parte, nós os imigrantes portugueses — afirmou-se na conferência de imprensa realizada anteontem — demos já e continuamos a dar a nossa participação numa acção comum com todas as organizações francesas interessadas. Mas as autoridades portuguesas, como as de todos os outros países de origem dos imigrantes, podem e devem dar também a sua contribuição, intervindo pelos meios que lhes são próprios junto do governo francês.

Não são apenas os nossos interesses particulares de emigrantes que estão em jogo — salienta o documento distribuído aos jornalistas, que prossegue — São os interesses do nosso país que o exigem igualmente. O regresso ao maelço de imigrantes não só agravaria consideravelmente o problema do emprego em Portugal como viria privar o país de uma fonte de divisas que tanto tem contribuído para um certo equilíbrio da balança de pagamentos. Isto, bem entendido, além dos problemas humanos que viria criar a milhares de pessoas bruscamente desalojadas e sem quaisquer garantias de uma vida estável.

Segundo revelaram aos jornalistas os emigrantes que estão agora em Portugal representantes de diversas Associações organizadas em França, a delegação já foi recebida pelos grupos parlamentares do PCP e do PS e também na Presidência da República. Esperam ainda audiências com o PPD, o CDS e o Primeiro-Ministro. Entretanto, salientaram que «o nosso objectivo é precisamente chamar a atenção dos órgãos de soberania em Portugal para os perigos que nos ameaçam e os inconvenientes que teria para o nosso país a aplicação em França dos dois projectos-lei anti-imigrantes ainda em debate. Nem todas as entidades a quem pedimos audiência nos receberam até agora, mas nós confiamos que aqueles que já nos ouviram não fazer o que lhes for possível para enfrentar o problema com que nos debatemos».

Discriminações: um exemplo que diz alguma coisa!

Discriminações em relação aos trabalhadores emigrantes? É verdade! Há e são muitos os exemplos. Subsídios, abonos de família, frequência de cursos de aperfeiçoamento profissional — são alguns dos sectores onde essas discriminações assumem proporções de gritante injustiça, que mostram claramente a forma como o governo francês faz letra morta da própria Constituição do país e da Declaração dos Direitos do Homem.

Números significativos

Vivem presentemente em França 4,5 milhões de trabalhadores estrangeiros, entre os quais portugueses, argelinos, espanhóis, turcos, gregos, marroquinos, italianos e jugoslavos.

A comunidade mais numerosa é a portuguesa: cerca de 900 mil pessoas. A segunda é a argelina: perto de 850 mil.

Nas famílias portuguesas há aproximadamente 300 mil crianças em idade escolar. Destas, só 50 mil frequentam o ensino.

Isto não explica o governo francês...

Na sua furiosa ofensiva contra os trabalhadores emigrantes, o Executivo francês lança muita confusão, muita mentira, muitas distorções da realidade. Um pequeno mas significativo exemplo: o governo do sr. D'Estaing diz por tudo e por nada que o problema do desemprego em França será resolvido com a expulsão de emigrantes, mas esquece-se de dizer que a grande percentagem de desempregados franceses é de mulheres

e esquece-se também de dizer que não serão certamente as mulheres que irão para os postos de trabalho mais duros, ou seja, para os empregos onde estão a maioria dos trabalhadores estrangeiros: construção civil, pesca, limpeza das ruas, oficinas, maquinaria pesada, etc., etc.

Enfim, são "esquecimentos" do governo "europeu", do governo "pluralista", do governo que está no poder na França da CEE...

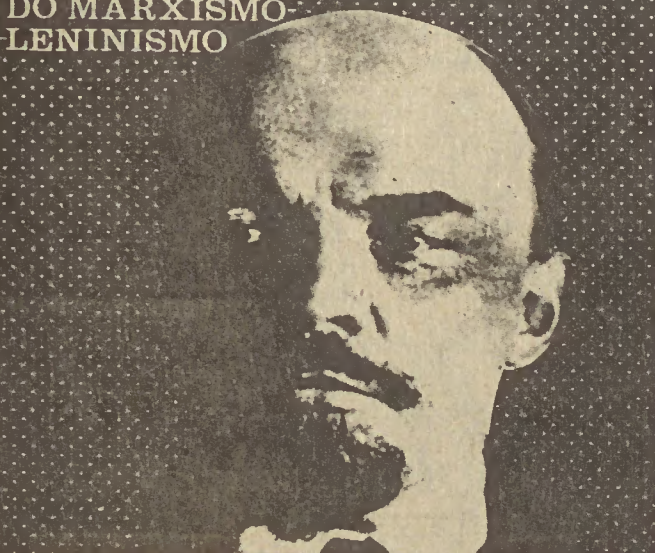
O MARXISMO-LENINISMO SEMPRE ACTUAL

UMA COLECCÃO DE TEXTOS FUNDAMENTAIS, EM VERSÃO INTEGRAL TRADUZIDOS RIGOROSAMENTE, E ACES-SÍVEL A TODOS PELO SEU BAIXO PREÇO

VOLUMES PUBLICADOS

TRABALHO ASSALARIADO E CAPITAL Karl Marx	50\$00
A DOENÇA INFANTIL DO COMUNISMO: "O RADICALISMO DE ESQUERDA" V. I. Lênine	50\$00
O IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO V. I. Lênine	50\$00
DO SOCIALISMO UTÓPICO AO SOCIALISMO CIENTÍFICO F. Engels	30\$00
MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA K. Marx-F. Engels	50\$00
O SOCIALISMO CIENTÍFICO K. Marx, F. Engels, V. I. Lênine	30\$00
DUAS TÁCTICAS DA SOCIAL-DEMOCRACIA NA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA V. I. Lênine	60\$00
QUE FAZER? V. I. Lênine	80\$00
UM PASSO EM FRENTE, DOIS PASSOS ATRÁS V. I. Lênine	80\$00
TESES DE ABRIL V. I. Lênine	40\$00
PRINCÍPIOS BÁSICOS DO COMUNISMO F. Engels	20\$00
O ESTADO E A REVOLUÇÃO V. I. Lênine	75\$00
O DIREITO DAS NAÇÕES À AUTODETERMINAÇÃO V. I. Lênine	40\$00
A CATÁSTROFE QUE NOS AMEAÇA E COMO COMBATÊ-LA V. I. Lênine	40\$00

BIBLIOTECA DO MARXISMO-LENINISMO



agora à venda

A revolução proletária e o renegado Kautsky

V. I. LÊNINE

Nesta obra clássica, escrita em Outubro-Novembro de 1918, Lênine desmascarou as concepções revisionistas de Kautsky e de outros oportunistas que negavam a necessidade da revolução socialista e da ditadura do proletariado; esclareceu importantíssimos problemas do Estado proletário e apresentou uma profunda análise da experiência histórica da Grande Revolução Socialista de Outubro. Mostrou que a passagem ao socialismo é impossível sem a revolução socialista e a conquista do poder pela classe operária.

PREÇO: 90\$00

N.º de págs. 160

CD a distribuição

PEQUENO GUIA PARLAMENTAR

OS COMUNISTAS NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA



Qual o lugar da Assembleia da República no sistema constitucional de órgãos de poder? Quais as suas atribuições e competências? Que legislação tem produzido? Como se tem caracterizado a actividade do PCP na AR...?

PREÇO 100\$00

CD a distribuição

A Campanha dos 20 mil contos avança em força no Norte!

A Campanha dos 20 mil contos, com vista a assegurar a compra ou a construção duma sede no Norte à altura do Partido, avança.

Os trabalhadores e o povo do Norte, atingidos pelos efeitos da política de recuperação capitalista, vêm degradar-se as suas condições de vida; o mês de Agosto trouxe consigo o calor e as férias, factores que poderiam ser de desmobilização da actividade política; os grandes órgãos de comunicação de massas procuram ignorar a intensa actividade do PCP e nomeadamente as iniciativas da Campanha dos 20 mil contos. Mas a campanha avança revelando uma cada vez maior compreensão por parte dos trabalhadores e do povo da justa política das posições do PCP, das suas iniciativas e objectivos.

Faltam cerca de 20 dias para o primeiro grande sorteio

É já no dia 9 de Setembro, último dia da Festa do Avante, que se realiza o primeiro grande sorteio da Campanha que, como se sabe, conta com prémios aluciantes:

- 1.º — um automóvel
- 2.º — uma motorizada
- 3.º — uma máquina de lavar roupa.

Os bilhetes para o sorteio, ao preço de 20\$00, estão à venda em todas as organizações do PCP no Norte.

Uma organização na campanha: A célula do Banco Borges & Irmão

O andamento da Campanha é desigual de organização para organização. Uma mais avançada, outras mais recuadas; umas mais dinâmicas e imaginativas, outras mais atrasadas.

Com o objectivo de divulgar experiências concretas de organizações empenhadas na Campanha e contribuir desse modo para uma troca de experiências que constituem parcelas da grande

experiência colectiva do Partido, o «Avante!» está a recolher testemunhos de algumas organizações do PCP no Norte sobre a Campanha. Depois da Comissão Concelhia de Vila Nova de Gaia, que alcançou o primeiro galardão da Campanha destinado aos grandes sectores, contactámos esta semana com a Célula do Banco Borges & Irmão. A escolha não é arbitrária. Trata-se de uma das organizações que maior dinamismo tem mostrado na Campanha e cuja experiência, particularmente nos aspectos de organização e planificação de trabalho, mais eficaz se tem revelado. E os resultados estão à vista: com uma meta inicial de 300 contos, depois elevada para 400, a Célula tem já cartões de compromisso firmados no valor de 500 contos.

Falando com membros do Secretariado da Célula do Banco Borges & Irmão, os camaradas começaram por manifestar a opinião de que os bons resultados que têm alcançado na Campanha se devem antes de mais à boa organização da Célula e ao trabalho regular que a Célula vem desenvolvendo. Quanto ao método seguido na preparação do trabalho da Célula, disseram-nos:

— O Secretariado da Célula, quando discutiu pela primeira vez a Campanha, entendeu que a questão impunha uma discussão profunda na organização. Promoveu duas reuniões, ambas muito participadas e onde desde logo se revelou uma compreensão muito correcta do problema no quadro da situação política e do aspecto particular da situação que era a ofensiva do Governo Mota Pinto contra as liberdades democráticas, neste caso contra a legítima presença dos comunistas no Centro de Trabalho de Aníbal Cunha. Por outro lado, o Secretariado, tendo em conta a meta global do sector dos bancários, entendeu que a meta da Célula não poderia ser inferior a 300 contos e apresentou essa proposta nas reuniões. Fez-se a discussão, muito participada, e ficou desde logo claro qual era o entendimento e o ânimo das camaradas em relação à Campanha: não se tratava de recolher as sobras, o que cada um tivesse a mais, mas de contribuir para a Campanha com sacrifício. Quanto à meta foi considerada elevada, difícil, mas possível de alcançar.

Os frutos da planificação

Os camaradas referiram depois que a etapa seguinte do trabalho foi a planificação.

— Em vez de correr para as iniciativas e recolha de fundos, de uma forma desordenada, anárquica, planificámos.

Coube ao Secretariado a tarefa de planificar os contactos para a recolha de fundos e de compromissos, segundo o critério de que cada

contacto deveria ser feito pelo camarada em melhores condições para obter os melhores resultados. Um outro critério em que se assentou foi o de que a Campanha deveria ser bastante aberta, e chegar mesmo a homens e mulheres filiados noutros partidos. O critério revelou-se justo. Há já muitas contribuições para a Campanha de democratas nessas condições.

Tratou-se então de avançar para os contactos e a organização foi ganha para se dedicar com ânimo à tarefa:

— Os camaradas sentem-se motivados e trabalham na Campanha com

Próximas iniciativas

De entre várias outras iniciativas da Campanha dos 20 mil contos, prevista para os tempos mais próximos, destacamos:

18 de Agosto — Sessão de cinema na Associação Recreativa Candeleense;

19 de Agosto — convívio à beira-mar na praia de Salgueiros;

25 de Agosto — excursão ao Gerês, promovida pela Comissão de Freguesia de Vião do Andorinho;

2 de Setembro — arraial em Custóias.

dedicação e com alegria, o que nos parece muito importante. De tal modo que elevámos a meta para 400 contos e é possível que a voltemos a elevar.

Revelaram-nos em seguida alguns aspectos concretos da Campanha nesta fase:

— Houve camaradas e amigos que assumiram inicialmente um dado compromisso e que posteriormente, face a uma melhor compreensão política dos objectivos da Campanha, têm dobrado a oferta. E a prova de que a orientação foi justa é que alguns amigos que sabíamos que se encontravam com graves problemas financeiros, o que em princípio nos poderia ter levado a não os abordar, mostraram a melhor compreensão pela Campanha e contribuíram até para além da medida das suas disponibilidades. De referir também que no sector das obras do Banco, um sector operário, cujas remunerações são inferiores às dos bancários, quase todos os trabalhadores estão a contribuir, o que animou amigos mais hesitantes. Tudo isto mostra que as posições do Partido estão a ter cada vez mais aceitação por parte dos trabalhadores.

O trabalho inicial da Campanha arrancou, e bem, na Célula do Banco Borges

& Irmão no Porto. Coloca-se agora a questão de planificar e executar as recolhas e entregas organizadas de fundos. Mas também neste campo o trabalho avança. De tal modo que os camaradas pensam já em elevar uma vez mais a sua meta.

A Campanha tem simultaneamente dinamizado a actividade do Partido no Norte. Neste como em muitos outros casos. Dizem os camaradas que hoje ouvimos:

— O Partido é na empresa uma grande força, profundamente ligada aos trabalhadores e aos seus interesses. Veja-se, por exemplo, a tomada de posição da Célula a propósito do escândalo da Sociedade de Vinhos Borges. Temos uma ligação constante, directa e profunda aos problemas, às aspirações e aos interesses dos trabalhadores da empresa. E os trabalhadores em geral vêm cada vez mais nos comunistas os mais firmes, seguros e combativos defensores dos seus interesses. Uma prova disso está na marcha da Campanha: dos compromissos que temos para contribuições mensais para a Campanha cerca de 60% são de simpatizantes e amigos que não sendo militantes, mostram grande receptividade em relação às posições do Partido, às suas iniciativas e objectivos. A Campanha está a dinamizar todo o trabalho do Partido na empresa e,

nomeadamente, a revelar as potencialidades de recrutamento para o Partido.

«Barraca a barraca» nas praias de Matosinhos

Um grupo de camaradas do Comité Local do Porto realizou no passado dia 1 de Agosto, nas praias de Matosinhos, um «barraca a barraca» com passagem de rifas para o sorteio da campanha dos 20 mil contos.

Num curto espaço de tempo passaram-se 150 rifas, sendo de assinalar o facto de muitas pessoas já terem conhecimento e contribuído para a Campanha.

O acolhimento foi francamente bom.

Não podia ficar indiferente à Campanha — palavras de um democrata

A compreensão dos objectivos da Campanha dos 20 mil contos não é, obviamente, exclusiva dos comunistas. Muitos outros democratas que vêm no reforço do PCP no Norte um facto decisivo para a defesa dos interesses do povo e do país, são por isso mesmo motivados para participarem na Campanha e darem por essa forma uma ajuda para a criação de melhores condições de trabalho no Norte para o PCP.

A Campanha tem dado esta realidade e inúmeros testemunhos. Publicamos hoje um, de entre muitos outros que poderíamos referir.

Trata-se de uma carta de um democrata residente na Rebola-Sul, Amadora, que tendo tomado conhecimento da Campanha e entendido o seu significado não quis deixar de dar a sua contribuição, que explica nos termos seguintes:

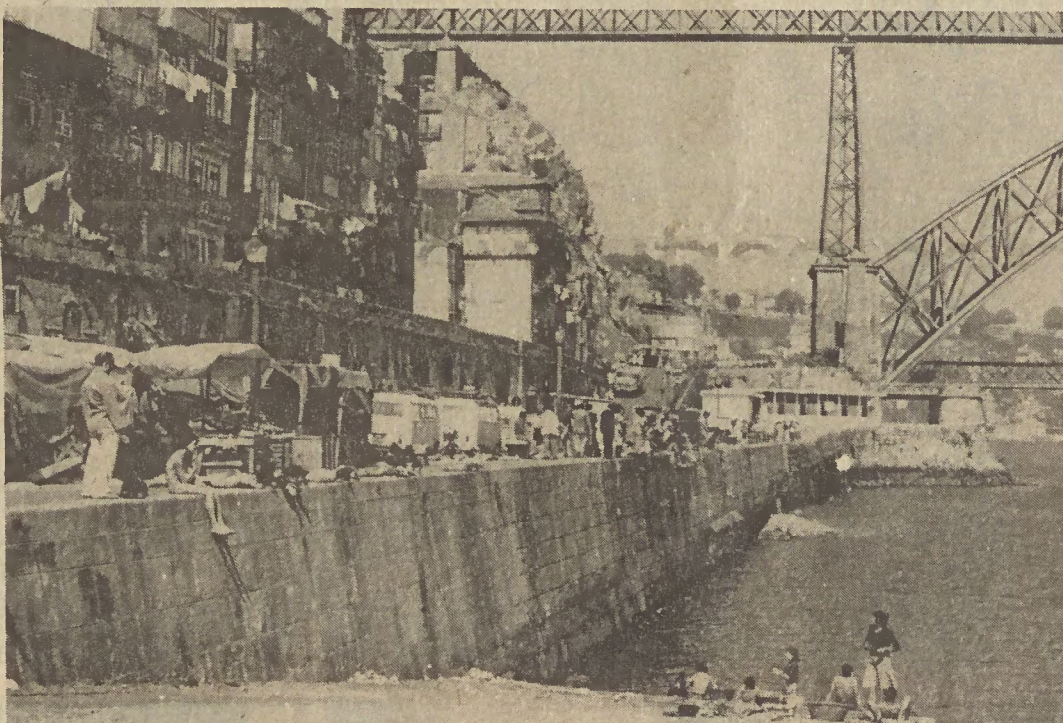
«Amigos, «Como nortenho não posso ficar indiferente à vossa Campanha e à vossa luta por

melhores condições, que ajudarão a criar outras melhores condições para os desfavorecidos de grande parte do Norte. É uma importância pequena, mas de momento tenho a minha mulher a terminar o curso de enfermeira e a partir de Março, 1980 já poderei ajudar mais.

«Junto o cheque na importância de 200\$00 (duzentos escudos).

«Como não sou comunista, mas sim um democrata de esquerda, que defende a unidade de quem trabalha, esporadicamente leio o «Avante!» e parece-me ler algo que têm umas relações para obterem fundos, colocando nas mesmas os nomes de quem possa dar. Caso seja verdade, e me queiram enviar alguma, eu terei perante militantes amigos e outras pessoas para angariar algum dinheiro mais.

«Parece-me que todos os militantes do país deviam participar nesta angariação de fundos, pois é no Norte que mais reforço a esquerda pode ter)...»



No Porto, o Centro de Trabalho do Norte será a realidade que o resultado da campanha dos 20 mil contos conseguir. Com a ajuda dos comunistas do Porto, de todos os militantes do Norte do país, desde as margens do Douro às montanhas mais distantes. Com a ajuda dos trabalhadores, dos democratas e dos amigos do Partido

A luta Heróica dos Povos contra a Opressão e o Fascismo



ATÉ AMANHÃ CAMARADAS Manuel Tiago	120\$00	CINCO DIAS E CINCO NOTES Manuel Tiago	30\$00
CARTAS DA PRISÃO (I) José Magro	50\$00	RECORDAÇÃO DOS TEMPOS DIFÍCEIS Miguel Wagner Passal	50\$00
A DEFESA ACUSA Pedro Soares	50\$00	OS MEUS SETE FILHOS Pereira Nogueira e Alcide Cerri	80\$00
TARRAFAL CAMPO DA MORTE LENTA Julius Fuchs	50\$00	OS DIAS DA NOSSA VIDA Marina Severi	90\$00
TESTAMENTO SOB A FORÇA	30\$00		

edições Avante!

A DEFESA ACUSA

RECORDAÇÃO DOS TEMPOS DIFÍCEIS

Reuniões importantes

● Camaradas de Rio Maior

Realiza-se hoje, às 21,30 horas, no Centro de Trabalho de São Bernardo, em Lisboa, uma reunião promovida pela Direcção da Organização Regional de Santarém do PCP, para a qual se convidam militantes e simpatizantes residentes na área da capital e que sejam naturais ou ligados a Rio Maior.

● Naturais de Castanheira, Pedrógão Grande, Figueiró dos Vinhos e Ansião

Camaradas naturais de Castanheira, Pedrógão Grande, Figueiró dos Vinhos e Ansião são convidados a participar numa reunião que se realiza no próximo dia 16 do corrente, no Centro de Trabalho Vitoria, em Lisboa. Esta reunião é promovida pela Direcção da Organização Regional de Leiria do PCP.

AS NACIONALIZAÇÕES defesa e dinamização

SECTOR NACIONALIZADO O QUE É? COMO DINAMIZAR? A MAIS COMPLETA ANÁLISE DOS SECTORES CHAVE DA NOSSA ECONOMIA



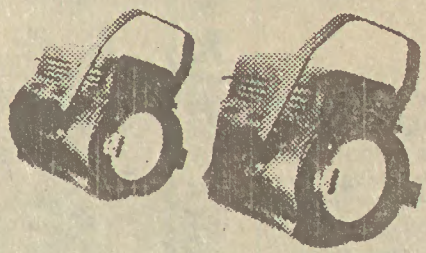
- DADOS — NÚMEROS — FACTOS
- RENTABILIDADE — GESTÃO
- DIREITOS DOS TRABALHADORES

um livro INDISPENSÁVEL

190 páginas 60\$00

edições Avante!

VISITE O STAND DO Avante! na FEIRA POPULAR de Lisboa



● Sérgio Ortega
e Taller Recabarren



● Richie
Havens



● Tomasz
Stanko

OS
ARTISTAS
DA
FESTA DO
Avante!



● Monika Hauff
e Klaus-Dieter Henkler

Monika Hauff e Klaus-Dieter Henkler são dois dos mais populares cantores da RDA, participando regularmente em inúmeros espetáculos públicos e em programas de Rádio e de Televisão.

O seu repertório original é muito variado — mais de 120 canções — e são também já vários os discos gravados em duo ou a solo.

Em 1968 actuaram no México, por ocasião dos Jogos Olímpicos, mas,

desde então, já fizeram diversas «tournée» por outros países, como a Dinamarca, a Suécia, a Índia e, praticamente, todos os países socialistas.

Aliás, estas viagens e o conhecimento das músicas dos países que percorrem têm-lhes sido muito úteis, pois enriquecem o seu repertório com canções que recolhem nesses países. Fazem-no, de resto, com grande respeito pelas tradições nacionais respecti-

vas ou pelo seu carácter folclórico, apenas lhes imprimindo um cunho muito pessoal e original.

Oriundo de uma família de músicos, Klaus-Dieter Henkler bastante cedo se interessou pela música. Aos 10 anos fazia já parte do coro da sua escola e, depois, estudou acordeão e piano, aprofundando os estudos musicais.

Pelo contrário, Monika Hauff só tarde viria a interessar-se pela mú-

sica. E isso aconteceu casualmente quando estudava na Faculdade de Medicina de Maddeburgo. Os estudantes haviam formado uma orquestra de dança para os bailes e festas de curso e convidaram-na para cantar. Aceitou, foi aceite, e conheceu então Klaus-Dieter que era guitarrista-solo na mesma orquestra. Daí a formarem o duo foi um passo e a sua carreira conjunta evoluiu rapidamente e com crescente

êxito. Têm actuado em vários países, conquistando ainda prémios em Festivais da FDJ e da Televisão da RDA e em certames internacionais como o «Concurso Musical da Canção Europeia» em Villach (Áustria), onde obtiveram o «Prémio do Público», o «Festival da Canção Eslovaca» em Liubliana (Jugoslávia), e o «Concurso Internacional da Canção» de Paris, onde obtiveram o «Grande Prix».



● Adriano Correia de Oliveira
● Alfredo Vieira de Sousa

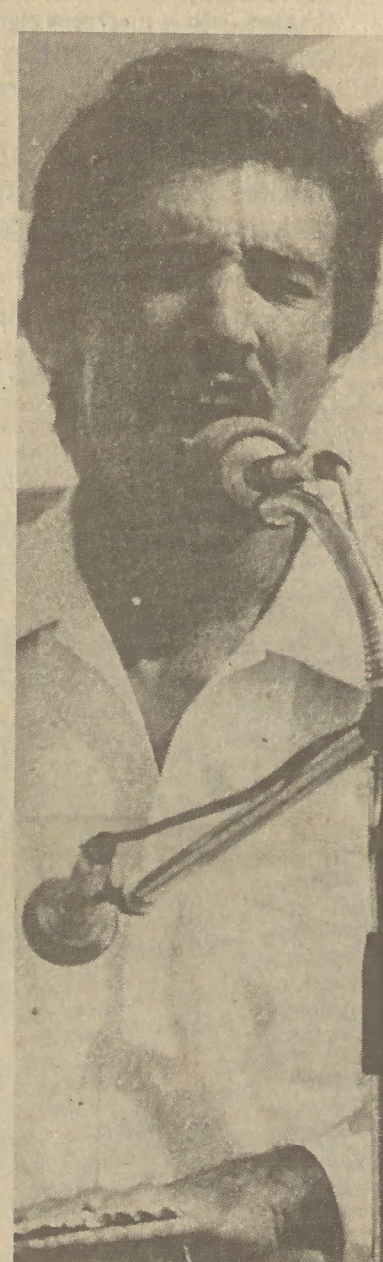


Brigade
Victor
Jara





•Carlos Alberto Moniz •Carlos do Carmo
•Carlos Mendes •Carlos Paredes •Carlos Paulo



● Mercedes Sosa



● Max Roach

● Mike Glick



● Jabula

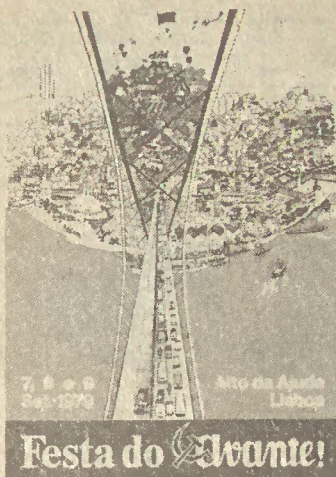


● Gwendal



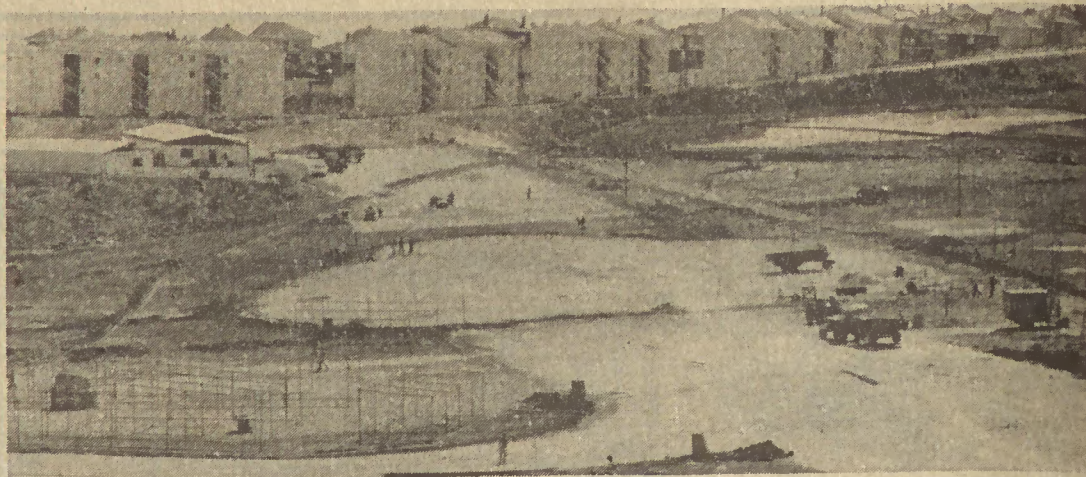
•Edmundo Silva
•Esmeralda Amoedo





Histórias da Festa

São histórias da Festa. Histórias do dia a dia. Histórias da gente que se cruza com os nossos camaradas, dos muitos que entre eles criam hábitos de permanência e, sem dar por isso, aprendem o soletrar da solidariedade, o sabor do trabalho colectivo, a intensidade da força de quem da terra arranca essa cidade sem igual que é a Festa do «Avante!».



Era uma vez...

... Um velho, já com tantos anos que ele próprio lhes perdeu a conta. Antigo trabalhador, este velhote, como tantos outros neste país, passeava a sua solidão nos arredores da casa onde morava, casa como ele muito velha, muito gasta pelos anos, mas ainda assim bem erguida de pé, bem cimentada nos alicerces, quase resvês com os grandes e modernos prédios.

Ora num destes passeios, o velhote chegou ao Alto da Ajuda, junto ao recinto da Festa do «Avante!» onde todos os dias, homens e mulheres e crianças, de picareta na mão, de enxada, de pincéis, carregando madeiras, montando estruturas, erguendo barracões, andam numa lufa-lufa constante. Era domingo, dia de Jornada de Trabalho, e a roda viva era intensa.

O velho olhava e pasmava perante aquele grupo laborioso como filas compactas de formigas mourejando ao sol, num movimento cheio de cor e som. As vozes graves dos homens, risadas de crianças, falas de mulheres, cantavam na manhã. O velho olhava e pasmava, preso ao vai e vem, a curiosidade moendo-o por dentro como bichinho incómodo mais forte do que a timidez. E foi-se aproximando de um grupo de homens. O suor corria-lhes pelo rosto e pelos troncos nus. O sol queimava já. As picaretas desciam e subiam num impulso, em alguns inexperientes, quase desajeitados: Mas que forte impulso! Mas que entusiasmo nas fases contradas pelo esforço! Com que gana ganhavam ao terreno pedra, com que gana competiam uns com os outros entre dichotes e risos. Um dos homens olhou o velho e sorriu. Foi o que bastou para lhe desatar a fala:

— Mas então o que estão aqui a fazer? Explique-me lá o que é isto?

— É a Festa do «Avante!».

— O quê?! — pasmou ainda mais o velho — Mas como é que vão conseguir?

Isto é um terreno só de pedra, todo em declive, todo aos altos e baixos! E depois, a Festa do «Avante!» não era noutro sítio!

O homem olhou o velho. Viu-lhe o pasmo, viu-lhe a solidão, viu-lhe a vontade de falar, de compreender, e pôs-se a explicar-lhe como fazem todos os camaradas a quem deles se aproxima. Explicou-lhe as razões por que a reacção tinha feito pressão para que a Festa do «Avante!» não fosse no Jamor, explicou-lhe como, desse modo, a direita e os seus governos procuravam entalar os comunistas e impedir a Festa. Explicou-lhe que por mais abundantes e grandes que fossem os pedregulhos, os comunistas os haviam de extrair do solo, por maiores que fossem os declives, por vários que fossem os altos e baixos, o terreno havia de ficar pronto a tempo e horas.

O velho ouviu, ouviu e disse:

— Eu vivo aqui há 40 anos e tal anos e nunca tinha visto tanta movimentação, tanta transformação. Não queriam então que vocês fizessem a Festa? Isto vai mal, vai mesmo mal. Temos outra vez um governo de exploradores com esse Pinto. Há 11 anos que leio o «Avante!». Ultimamente não o tenho lido, não o posso comprar, é muito caro para as minhas posses. Eu digo-lhe: sempre fui partidário do comunismo. Você é muito novo mas sabe, a gente não tem muito que hesitar. Vê logo onde está a verdade. Já pouco vivo, mas mesmo assim diga-me lá o que é preciso para ser sócio do Partido Comunista?

O camarada explicou-lhe então que não se trata de ser «sócio».

Explicou-lhe o que é um militante, o que são os homens e mulheres que pelo Partido dão tudo, nele empenhando forças, esperanças, energias criadoras, fraternidade, solidariedade.

O velho ouviu, e disse:

É pena, ouviu já ser tão velho! Mas vi já dois quase tão velhos como eu a trabalharem aqui de ansinho na mão. Já pouco duro. Mas era tão bom se eu visse ainda cá a democracia, o socialismo! Depois de vos ter visto aqui, além tenho mais vontade de aguentar o corpo a ver se ainda vivo mais alguns anos e bons.

Aqui havia um caminho ruim...

Num bairro degradado viviam — e vivem — ali para a Ajuda muitas e muitas famílias. Seu nome: Bairro 2 de Maio. Sua história, breve, mas curiosa: veio o 25 de Abril e do bairro só havia caboucos. Mas para um povo, do qual mais de 2 milhões de pessoas vivem quase como caranguejos em bairros de lata ou em casas a cair de velhas, de paredes ruidas, enlatados como sardinhas, para um povo assim carenciado, mesmo os caboucos podem ser abrigo. E gente houve que montou acampamento junto a esses caboucos. E gente houve que se mexeu para que o Bairro andasse para a frente. Depois, à medida que cada andar ficava concluído, uma família ocupava o tecto: finalmente a certeza de que as crianças não dormiriam desprotegidas à mercê das goteiras, dos ratos famintos. Assim nasceu e cresceu quase todo um bairro. Um bairro de gente muito diversa, desde os ambulantes e os sem trabalho até aos instalados com emprego certo e salário fixo.

Mas o bairro nasceu e desenvolveu-se na maior parte degradado. Em alguns espaços, em vez de ruas, caminhos, e caminhos ruins para os passos já trôpegos dos velhos, para os passos ainda vacilantes das crianças.

Deste bairro e por causa destes caminhos ruins vieram até ao recinto da Festa, duas mulheres. Apenas duas mas falando em nome de todas as outras que entre conversas e reuniões as haviam mandado para tal.

Chegaram e disseram:

— A gente mora no Bairro 2 de Maio, numa zona de caminho mau. Não há dia que ali não caim velhos. Não há dia que ali as crianças não se esfolem e firam. A gente viu que vocês têm aqui uma máquina que aplana os terrenos. Vimos pedir que vão lá com a máquina arranjar o caminho. Queremos saber qual é o preço da obra.

O camarada responsável ouviu e prometeu:

Nós arranjamos o caminho. Vamos lá com a máquina assim que os trabalhos por aqui abrandarem. Quanto ao preço da obra não se fala nisso. Só gostávamos que vocês viessem cá à Festa.

— O vir à Festa não é problema, já fazíamos tenção de cá vir. Mas do caminho temos grande precisão e entre todas nós, mulheres, pagamos o arranjo do caminho se o preço da obra não for demasiado.

— Mas não há preço para a obra — voltou o camarada — nós abrimos o caminho para vocês com todo o gosto. E se a *bulldozer* não puder lá entrar, nem que seja à enxada, fazemos uma rua decente.

E dentro em breve as mulheres daquela zona do Bairro 2 de Maio não serão mais alertadas pelos choros dos filhos de joelhos esfolados correndo entre pedras e montões de terra, não mais lhes secarão as lágrimas, não mais ouvirão as queixas dos velhos. E dirão: — Aqui havia um caminho ruim...



A Festa do «Avante!» é um mundo. Tem sido um mundo, cada ano, abrindo-se primeiro nos espaços da FIL, depois no Jamor e, agora, no seu quarto ano cheio já de tradições, nos espaços da Ajuda que muitos camaradas têm vindo a preparar. Um mundo cheio das histórias do encontro com o trabalho que por todo o país se faz e se representa, em Setembro, na Festa que os comunistas abrem a todos os trabalhadores e a todos os democratas. Um mundo onde as aspirações de melhores dias estão patentes nas exposições, sistematizadas nos colóquios, anunciadas nos livros, cantadas nas formas de arte. Um mundo aberto sobre os outros países, lá onde o socialismo se consolida, onde se luta pela sua construção, lá onde se resiste e se abrem os caminhos da liberdade. Um mundo onde despontam os encontros, onde, cada ano, acontecem as histórias que ficam para recordar. Ainda não foram abertas, este ano, as portas da Festa. Mas já há histórias para contar, as fraternais histórias do labor que ergue a Festa, que a organiza e divulga, que a prepara para ser maior e mais bela que antes.



Tempo de romaria

O terreno está desbravado, limpo, as estruturas colocadas são alicerces orgulhosos da cidade da Festa. E a ela, a esta cidade em construção que cada dia avança um pouco mais, vêm famílias inteiras ver como é, conviver, bisbilhotar, conversar, tirar conclusões. As mulheres observam e a presença constante de outras mulheres nos trabalhos é um pólo de atracção. Aproximam-se, trocam dois dedos de conversa. Os homens não se furtam a dar sugestões. As crianças correm pelos terrenos, empoleiram-se nas estruturas, desafiavam-se umas às outras.

Para a gente da Ajuda e proximidades é tempo de romaria. Muitas vezes chegam com lanches, poisam. E à sexta-feira, é certo e sabido: há noite de cinema para os camaradas que, trabalhando, vivem no recinto da Festa. Por isso, as famílias da Ajuda e redondezas vêm também ao filme, ao colóquio, com os filhos e os avós atrás.

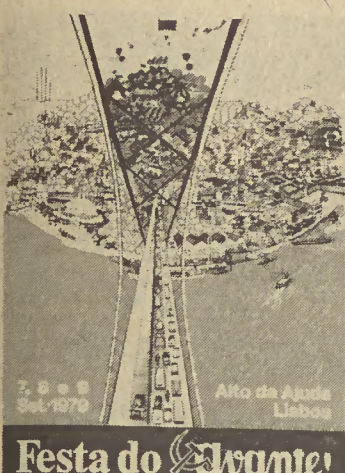
É a grande história da fraternidade. Uma história que se faz todos os dias, uma história de encontros, de palavras, de amizade e solidariedade que brotam ali num terreno ainda há pouco só de pedra e mato.

Cimento de solidariedade

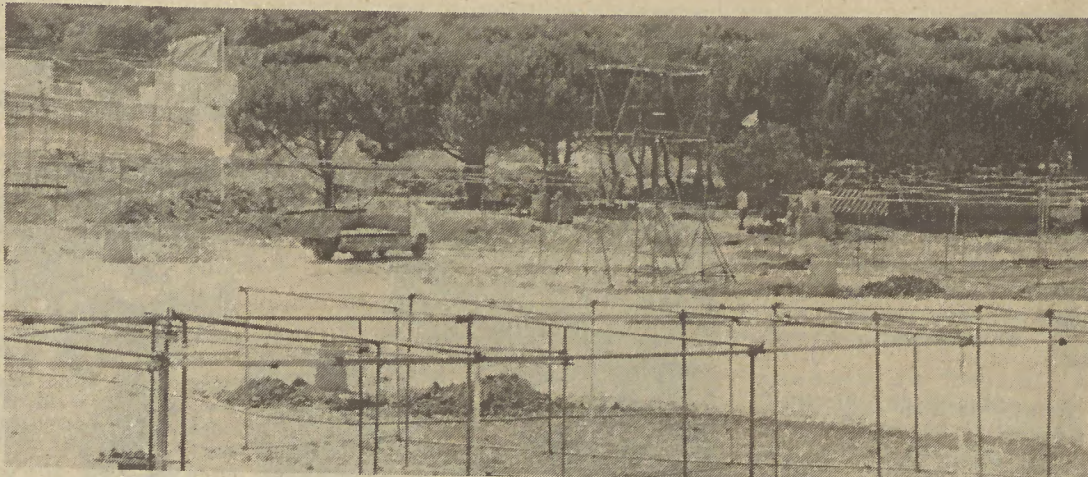
Há poucos, poucos dias ocorreu uma outra história na vida da IV Festa do «Avante!», também ela digna de ser contada. Foi quando entre as muitas necessidades de material que se põem para a construção da grande cidade que é a Festa, se colocou a questão de encomendar cimento.

A encomenda foi feita, o orçamento feito — mais de 9 contos —, marcado o dia para a entrega. E finalmente chegou o cimento em grande camião, enormes sacos cheios para as mãos dos que o aguardavam para continuar as obras, que o tempo corre veloz galgando os dias até Setembro. Entregá-lo veio em pessoa o empresário. E na mão que estendeu aos camaradas vinha o cheque que estes haviam enviado para pagamento da encomenda:

— Tomem lá outra vez isto. Eu não posso ajudar de outro modo. Ofereço-vos o cimento. E só quero que este ano façam uma Festa ainda mais bonita do que do ano passado. É só isso, e saúde para vocês.



Festa do Avante!



O Alto da Ajuda espera por nós!

A pouco e pouco, o Alto da Ajuda ganha nova fisionomia. Muito há ainda para fazer. Diz-nos a experiência que a Festa do «Avante!» é uma cidade que se contrói, seja no Vale do Jamor, seja na Ajuda, na base de um intenso trabalho militante apontado ao futuro, um trabalho que não vira a cara a dificuldades e sacrifícios inerentes à construção da cidade, ou seja da Festa.

Por isso, muitos fins-de-semana foram já

dedicados a essa actividade. Centenas de camaradas de diversos pontos do país, camaradas de diferentes idades e profissões, homens, mulheres e jovens que sentem a nossa Festa e a vêem como uma importante jornada de unidade, convívio e solidariedade no Portugal de Abril, passaram já pelo Alto da Ajuda dando o seu entusiasmo, o seu trabalho e também a sua imaginação para que nos dia 7, 8 e 9 de

Setembro se realize a Festa do «Avante!», esperada sempre com grande alegria pelos trabalhadores e suas famílias.

Faltam agora 21 dias! E no Alto da Ajuda novas e complexas tarefas esperam a nossa presença e o nosso trabalho. No próximo fim-de-semana lá estaremos. Em grupos ou individualmente. Recordamos, a propósito, que mal cheguem à Ajuda, os camaradas que não vão

com tarefas específicas devem contactar os serviços centrais da implantação onde se encontram camaradas que melhor, do que ninguém estão a par das necessidades básicas do momento.

Em relação aos transportes, também não há problema. Temos, por exemplo, o autocarro da carreira n.º 42 e o eléctrico n.º 18 (ambos com partida da Praça do Comércio).



Quadro de Honra

A venda da EP, tarefa fundamental para a construção da Festa, requer imaginação, vontade militante e espírito combativo. Nas últimas semanas, o «Avante!» tem revelado nas suas páginas exemplos deste importante trabalho, exemplos de determinação e de entusiasmo na edificação da Festa dos Trabalhadores. No «Quadro de Honra» desta semana voltamos a referir nomes de camaradas que em diferentes pontos do país e em diferentes ramos de actividade se destacam na concretização daquela tarefa. E estamos certos que para a próxima semana outros nomes aqui serão salientados. Será assim até à Festa!

Um dos exemplos mais significativos é o do camarada **Manuel Silva**, militante comunista, membro da Célula do PCP na Mague. Até há alguns dias a esta parte vendeu 155 EP's. Entretanto, foi de férias... mas na bagagem levou mais algumas Entradas Permanentes. O ano passado este camarada vendeu 140 EP's.

Por seu turno, o camarada **José Júlio**, da Célula dos Conferentes (Sector de Transportes da DORL) já «despachou» 112 EP's. E promete que vai continuar até à Festa.

Um outro exemplo que aqui devemos sublinhar é o do pequeno agricultor de Alenquer, **José Casimiro**, que já «semeou» por vários locais 80 EP's. É membro da Comissão Concelhia de Alenquer do PCP e já recrutou até ao momento cerca de uma centena de militantes. E a sua disposição é bem clara: continuar!

Da Célula da TAP chega-nos outra notícia de primeiro plano no âmbito da venda das EP's. Trata-se do trabalho abnegado do camarada **Duarte Silva** que até agora já fez «voar» 71 Entradas Permanentes para as mãos de outros tantos visitantes da 4.ª edição da Festa do «Avante!».

Só com uma EP a menos está o camarada **Carlos Gonçalves**, da Célula da Carris, que já pôs a «circular» 70 EP's.

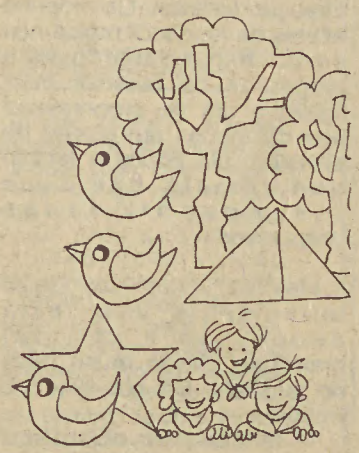
Tanta tarefa para mãos pequenas

Ajuda os Pioneiros de Portugal!

Trabalhando nos diversos núcleos de Norte a Sul para que o seu recanto se saliente no conjunto da Festa, os Pioneiros de Portugal, no brinquedo que fazem, no jogo que inventam, nas pinturas, nos jornais de parede, nos trabalhos manuais que vão executando, aprendem a alegria do trabalho colectivo, a responsabilidade da tarefa planeada e a cumprir.

E como noticiámos no último «Avante!», muitas tarefas couberam às pequenas mãos dos Pioneiros! Orgulhosamente, por todo o país, eles discutem, fazem campanhas, avolumam os trabalhos, arranjam materiais para a Exposição «A Criança no Mundo», «A Criança em Portugal» e «Pioneiros e o AIC», para o «Centro do Livro Infantil», para as bancas, para os ateliers do nada, do papel e dos instrumentos musicais e de bolas de trapos, recolhem um pouco de tudo para o Canto das Máscaras, preparam a participação na Animação Desportiva e Cultural, vendem EP's na certeza de irem atingir as metas, esforçam-se na recolha de fundos a nível nacional e na campanha de géneros para o Bar.

Para dar de comer a toda a miudagem que, entre Pioneiros e não Pioneiros, passará durante três dias pelo



Alto da Ajuda, é necessário um grande, mesmo muito grande esforço. Por todo o país os Pioneiros de Portugal têm de arranjar centenas de quilos e litros de sumos, leite, bolachas, chocolates, bolos secos, chouriço, queijo, fruta, pudins, mousses, batatas, cebola, alho, margarina, óleo, azeite, salsichas, açúcar, batatas fritas, etc.

E para o divertimento e ocupação destas mesmas crianças muito e variado material será igualmente necessário. Apontamos algum: rolhas de cortiça e plástico, corticetes de vária espessura; bolas de carvalho, linhas de cozer, lã e botões, meias de algodão e nylon, embalagens de ovos e de iogurte (plásticas), tecidos de cores

alegres, garrafas plásticas de óleo alimentar e frascos de laboratório, fios de embrulho e corda de cizal, latas de farinha de todos os feitios e tamanhos, cones plásticos, canudos dos rolos de papel higiénico, pedaços de madeira, pregos pequenos e médios, caixas de fósforos vazias, caricas, abanos, barro, guizos e muito outro material.

Num e noutro caso

— Campanha de Géneros para o Bar e Recolha de Material para os ateliers — levantam-se algumas dificuldades derivadas do período de férias. Dificuldades menores no segundo caso — as crianças são mestras em recolher toda a espécie de bugiganga e de a transformar em brinquedos —, dificuldades maiores na recolha de géneros. E ainda que, também neste aspecto, as

crianças dêem largas à imaginação e inventem novas formas de arranjar géneros, urge intensificar a Campanha.

Para tal, o auxílio, a cooperação dos adultos é fundamental: a cooperação das mulheres desde as mães até às vizinhas e às desconhecidas; a cooperação de pequenos e médios comerciantes; de

trabalhadores de empresas e das próprias empresas, de agricultores de pomares, enfim, de todo um conjunto de pessoas nas quais tu, leitor, camarada ou amigo, te encontrares integrado, e também conheces muita outra gente que não deixará de gostar de contribuir para que a Festa dos Pioneiros seja uma grande festa na Festa do «Avante!».



Futebol na Amadora: apurado representante para a fase distrital

Da mais jovem cidade de Portugal também nos chegam notícias desportivas relacionadas com a Festa do «Avante!». Hoje salientamos a realização do «Torneio Unidade», que mobilizou no concelho da Amadora muitas dezenas de futebolistas integrados em 12 equipas, divididas em quatro séries.



O representante do concelho da Amadora no torneio distrital de Lisboa já está apurado. Mas, primeiro que tudo, vamos à «história» do torneio concelho:

Série A — Heska Portuguesa, 0-Real Juventude do Bairro Janeiro, 4; R. J. Bairro Janeiro, 1-Grupo Desportivo Operário da Brandoa, 4; Heska Portuguesa-G.D.Op., 4; Heska (vitória desta última por falta de comparência do «onze» da Heska).

Série B — Futebol Clube Estrela Dourada-Clube Académico Bairro Novo (vitória destes por falta de comparência do Estrela Dourada); C.A. Bairro Novo, 0-Carruagem Vermelha (Sorelame), 15; F.C. Estrela Dourada-Carruagem V. (vitória destes por falta de comparência do Estrela Dourada).

Série C — Clube Recreativo Bairro Janeiro, 1-Clube Desportivo Académico, 1; C.D. Académicos, 2-Grupo Desportivo Os

Crocódilos, 3; C.R.B.º Janeiro, 0-G.D. Crocódilos, 2.

Série D — Real Clube da Brandoa, 0-Sport Real Clube Amadora, 2; S.R.C. Amadora, 9-Clube Desportivo «Cá te espero», 1; R.C. Brandoa, 4-C.D. «Cá te espero», 1.

Nas meias finais, o G.D. Operário da Brandoa foi derrotado pelo S.R. Clube Amadora por 2-1, e a Carruagem Vermelha eliminou Os Crocódilos após marcação de grandes penalidades. No jogo entre os dois «onzes» derrotados registou-se a vitória do Operário da Brandoa (3.º lugar). Na finalíssima defrontaram-se a Carruagem Vermelha e o Sport Real Clube da Amadora. Venceram os últimos por 3-1. A taça do 1.º classificado foi oferecida pela Heska Portuguesa.

Estafeta Popular «Cidade de Lisboa»

● Inscrições terminam no dia 30

«O desporto é já uma presença fundamental na Festa do «Avante!». Através dele nascem novos laços de amizade e de convívio e criam-se novas formas de concretizar o lema Desporto, Direito do Povo — salientam os camaradas da SIP da Direcção da Organização Regional de Lisboa (DORL) do PCP, ao revelarem para o «Avante!» a promoção de

uma grande iniciativa desportiva a realizar no dia 2 de Setembro, na Praça do Império, em Belém.

Trata-se da Estafeta Popular «Cidade de Lisboa», jornada integrada naquele espírito de acção desportiva e também na 4.ª edição da Festa do «Avante!».

A Estafeta é aberta a todos os clubes, colectividades, escolas,

comissões de moradores, associações e grupos desportivos de sindicatos, empresas, bombeiros, etc., podendo os seus representantes ser federados ou amadores.

Atenção: as inscrições estão abertas até ao próximo dia 30, no Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, em Lisboa.

Categorias	Masculinos (*)	Percurso	Femininos (*)	Percurso
Infantis	1966/67/68/69	3 x 800 m	1967/68/69	3 x 800 m
Iniciados	1965 e 1964	3 x 1000 m	1966 e 1965	3 x 1000 m
Juvenis	1963 e 1962	3 x 2500 m	1964 e 1963	3 x 1500 m
Juniões	1961 e 1960	3 x 3000 m	1962 e 1961	3 x 2000 m
Seniores	1959/.....	3 x 4000 m	1960/.....	3 x 2500 m

(*) Datas de nascimento dos atletas. Atenção: as equipas são compostas por três elementos podendo cada organização inscrever mais de uma equipa para cada escalão etário.



Sábado e Domingo

no CT Vitória

Xadrez — apuramento para a fase distrital de Lisboa

O Torneio de Xadrez da Festa do «Avante!» vai ter no próximo fim-de-semana uma etapa esperada com grande entusiasmo no âmbito da DORL. Referimo-nos à sessão de apuramento promovida pelo Comité Local de Lisboa para a fase distrital. Desde já uma informação: os participantes que tenham qualquer dúvida devem contactar o Centro de Trabalho Vitória (na Avenida da Liberdade) onde o camarada Cunha está pronto a dar todos os esclarecimentos. Esta sessão de apuramento

divide-se em duas jornadas, ambas com início às 15 horas, ou seja, sábado e domingo, nas instalações do referido CT do Partido.

Damas

Recordamos também aos nossos leitores, e em particular aos adeptos das Damas do distrito de Lisboa, que no fim-de-semana de 26 e 27 deste mês vai realizar-se no CT Vitória a sessão organizada pelo Comité Local destinada ao apuramento dos participantes que irão disputar a fase distrital.

As duas jornadas a realizar no Vitória (sábado e domingo) iniciam-se também às 15 horas. Para mais informações devem os interessados contactar o camarada Cunha.

No concelho do Montijo

O concelho do Montijo também está a participar com grande entusiasmo em iniciativas desportivas enquadradas na 4.ª edição da Festa do «Avante!». No Centro de Trabalho do Partido naquela vila está a decorrer um torneio de damas com 10 jogadores. Anteriormente realizou-se

a final do torneio de futebol de salão (juvenil) entre as equipas «Os Califas» e «Os Putos», torneio esse que mobilizou 80 participantes distribuídos por 8 «teams».

Entretanto, e falando já do torneio concelho de futebol de 11, há a assinalar o apuramento para

Chinquilho na Moita

Final do torneio concelho é no próximo fim-de-semana

No âmbito do torneio da modalidade promovido pela Festa do «Avante!», decorrerá no próximo fim-de-semana o torneio concelho de apuramento de chinquilho (malha pequena) na Moita.

A organização central da iniciativa pertence à equipa da Cooperativa «A Vontade do Povo» e compreende duas sessões: sábado e domingo, a partir das 14 horas.

Participação, cada uma com duas formações («A» e «B»), as seguintes equipas: Cooperativa «A Vontade do Povo», Moitense, 1.º

de Janeiro, Sempre Fide, Bairro Gouveia e Palmeirense.

O torneio realiza-se num recinto localizado no Bairro da Caixa, onde a equipa organizadora tem a sua sede.

Numa das anteriores edições do «Avante!» já publicámos na íntegra o Regulamento deste conhecido Jogo Popular. No entanto, pensamos ser útil recordar algumas das normas. Por exemplo, os pontos do Regulamento que incluem a referência a números:

● A distância de pau a pau é de 7,20 metros;
● Os paus encontram-se

situados sobre um tabuleiro com 25 cm de largura e 50 cm de comprimento;

● Cada pau tem uma altura de 4,5 cm;

● A malha, embora não tenha um peso fixo, porque varia devido ao material que a compõe, tem medidas obrigatórias: 53 mm de diâmetro e 13 mm de altura;

● A ediz é uma barra situada na frente do tabuleiro, com 25 cm de comprimento e 5 cm de largura;

● O campo tem um comprimento de 12 metros e 4 de largura;

● Vence cada jogo a equipa que primeiro completar 24 pontos.

Múltiplas iniciativas no distrito de Leiria

● No dia 26 há a «Volta aos 45»

Prossegue no Distrito de Leiria a preparação das jornadas desportivas da Festa.

Está a decorrer um Torneio de Futebol, que reúne 274 atletas em representação de 18 equipas.

Foram concluídas as fases de apuramento dos vencedores concelhios, tendo-se iniciado ontem a fase final, que conta com a presença das seguintes equipas:

O Estrela Vermelha de Alcobaca, os Desportistas do Bombarral, o Grupo Desportivo de A-dos-Francos (Caldas da Rainha) e os Andorinhas de Peniche.

Estão já apurados para a meia final os Canários de Leiria e os Lapidários da Ivma, da Marinha Grande.

A final distrital está prevista para o próximo dia 26, sendo distribuídas taças aos finalistas e prémios de presença a todos os jogadores inscritos.

No entanto, não só ao futebol masculino se dão atenções. Também a modalidade feminina terá o seu torneio, disputando-se no próximo domingo o jogo de apuramento das vencedoras do concelho da Marinha Grande, que depois defrontarão uma equipa de Alcobaca.

No que respeita a outras modalidades, vão inclinar-se torneios de xadrez e de damas em Alcobaca, no próximo sábado.

Em todos os Centros de Trabalho do Distrito estão abertas as inscrições.

Também o ciclismo marca presença, estando prevista a realização, no próximo dia 26 de Agosto, de uma jornada de convívio denominada «Volta aos 45» (Alcobaca-Nazaré-S. Martinho do Porto-Alfeizerão-Alcobaca, na distância de 45 km).

Entretanto, prossegue os preparativos para a I Estafeta Alcobaca-Festa do «Avante!».



Temas vários

O que vão ter de diferente os Jogos Olímpicos de Moscovo

Estamos no Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de 1980, no 22 da Rua Gorky, em Moscovo. Em frente de nós, Vladimir Popov, vice-presidente do Comité. Somos um grupo de seis jornalistas comunistas portugueses. Há uma semana que vimos realizando, de manhã e de tarde, reuniões de informação e troca de experiências em vários departamentos sobre diversos aspectos da vida soviética. Mas tratando-se de desporto, eu «estou em casa» e sou o perguntador oficial.

— Quer dizer, os Jogos Olímpicos de Moscovo, não vão ser para os moscovitas, nem para os soviéticos, mas sim um espectáculo para turistas, para estrangeiros?

Porquê esta pergunta? É que Vladimir Popov contara-nos o seguinte:

— Vão ser caros os bilhetes para os Jogos Olímpicos. Para nós, soviéticos, vão ser mesmo

assistir aos Jogos e pagarão o preço que lhes é habitual, porque os sindicatos vão subsidiá-los, pagando setenta por cento de cada bilhete.

Nada se constrói apenas para os Jogos Olímpicos

Falámos em traços específicos dos Jogos

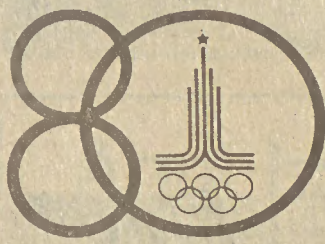
Por Carlos Pinhão, jornalista de «A Bola»

muito caros, para os nossos hábitos. O espectáculo desportivo, entre nós, é barato, por se integrar numa política social. Ora nos Jogos vai haver bilhetes de 25 rublos, os mais caros para as cerimónias de abertura e encerramento. Vai haver também, é certo, bilhetes de dois rublos mas para eliminatórias daquelas modalidades menos populares, como o tiro de flecha, por exemplo. Aliás a fixação dos preços dos bilhetes não é de iniciativa soviética, tivemos de respeitar as normas do Comité Internacional. Mesmo assim, serão mais baratos do que em Montreal, mas continuarão a ser caros para nós. O que está em causa não é o nosso poder de compra mas os nossos hábitos. Na URSS, a cultura é acessível a toda a população. Basta dizer que

Olímpicos e, na verdade, esta Olimpíada ficará assinalada por diversos caracteres bem diferenciados. Referir-nos já essa pormenor tão importante da participação dos sindicatos na aquisição dos bilhetes para os trabalhadores, mas há outras facetas, porventura, mais espectaculares, que vão distinguir, sobretudo, esta edição soviética dos Jogos.

O gigantismo é uma das grandes acusações que normalmente se fazem aos Jogos, edição após edição. Gigantismo que assume vários aspectos e um deles implica, de ordinário, críticas violentas no seio dos próprios países que os promovem, pela enormidade de despesas públicas que se fazem e pela sua inutilidade posterior.

Vladimir Popov ironiza: — Essas instalações monumentais ficam depois, como uma espécie de museu



para se mostrar aos visitantes: «Aqui se celebraram os Jogos Olímpicos de tal ou tal ano!» «... Outras preocupações de bem maior vulto assumiram os responsáveis soviéticos ao chamarem a si a organização dos Jogos. Na verdade, podemos dizer que nada se constrói apenas a pensar nos Jogos Olímpicos. O aspecto social domina todas essas iniciativas, tudo faz parte de medidas socioeconómicas que se previam em devido tempo.

E vieram os exemplos: — A Aldeia Olímpica será, depois dos Jogos, mais um bairro residencial para os moscovitas, um dos mais saudáveis lugares da capital, pela proximidade de grandes e frondosos parques. Tudo se constrói com essa pontaria para o futuro, não faltando o lugar para as escolas e para os jardins de infância. Pode dizer-se que cada habitação tem já certo o seu futuro inquilino.

Houve o cuidado de distribuir por várias zonas da cidade (que tem, diga-se de passagem, oito milhões de habitantes), os Estádios e demais instalações desportivas, precisamente para que toda a população moscovita possa vir a beneficiar da utilização desses centros de cultura física, com o extraordinário impulso que daí virá para o progresso de determinadas modalidades.

Contrapusemos que essa dispersão poderá vir a prejudicar a boa marcha dos Jogos, mas replicaram-nos que a rede citadina de transportes públicos impedirá, por certo, quaisquer inconvenientes. A própria Aldeia Olímpica fica apenas a 15-20 minutos do centro da cidade, como teríamos ensejo de comprovar.

— As Instalações que vão ser criadas para os Serviços de Imprensa, Rádio e TV terão também, posteriormente, uma utilização plena. Assim, o Centro de Imprensa virá a ser a nova sede da Agência Novosti, e noutra parte, a Sede da União dos Jornalistas Soviéticos. Por seu turno o complexo Centro de Televisão e Rádio permitirá que depois dos Jogos, por todo o país, novos milhões de soviéticos possam captar as imagens da televisão moscovita. Aliás, os Jogos decorrerão não apenas em Moscovo mas também noutras cidades, e assim os benefícios referidos estender-se-ão a outras zonas da União Soviética.

Aqui o traço específico dominante será, pois, digamos, numa palavra, o da utilidade de todos os empreendimentos, inteiramente dirigidos ao progresso das cidades e das gentes, em contraste com a falsa majestade dos Jogos precedentes.

Um programa cultural que inclui o «ballet» do Teatro Bolchoi

A grandeza desportiva dos Jogos Olímpicos é por demais conhecida de toda a gente, até porque, na altura das respectivas transmissões pela televisão, não há quem resista à emotividade de umas competições e à beleza de outras. Aliás, desde já, a nossa imprensa desportiva vem dedicando a sua atenção a um acontecimento de tal monta, a grande gala do desporto mundial de alta competição. Acresce que a realização, este ano, das Espartaquiadas dos Povos da URSS, mais fez atrair as atenções desportivas de todo o Mundo, pois constituem um autêntico ensaio dos Jogos de 1980.

O cuidado posto na organização foi assim a este extremo de promover, na prática, com um ano de antecedência, um certame desportivo de alta expressão que, em muitos aspectos, excede até a grandeza dos próprios Jogos Olímpicos, nomeadamente no número de modalidades desportivas. Com a intenção de mais pôr à prova a máquina olímpica, a Espartaquiada (na base de uma grande manifestação de desporto de massas, iniciada em todo o país, por milhões e milhões de praticantes), foi este ano internacionalizada, na sua fase de cúpula em Moscovo, através de convites dirigidos a atletas dos mais

representativos dos vários países.

Em suma, por todos os motivos pode ter-se como certo o pleno êxito desportivo dos Jogos, apesar de algumas tentativas de boicote de carácter político já verificadas no chamado mundo ocidental, que têm vindo a esmorecer na medida em que os detractores se apercebem da improficuidade das suas campanhas.

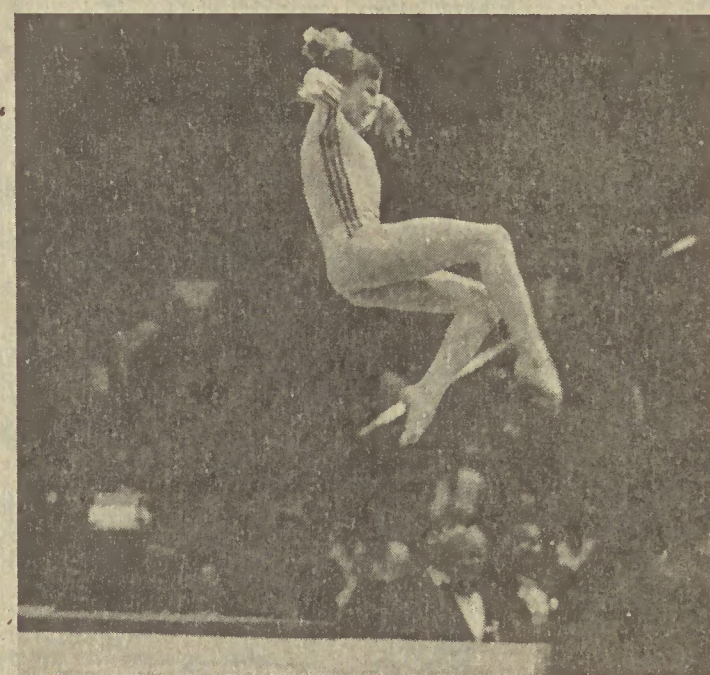
Mas a grandeza desportiva dos Jogos Olímpicos de Moscovo não constituirá, propriamente, um traço específico da Olimpíada de 1980.

Já o mesmo não acontecerá com o programa cultural que decorrerá paralelamente e, que, esse sim, poderá trazer novidades, pelo seu elevado nível artístico. Não é iniciativa soviética fazer acompanhar o programa desportivo de um programa cultural. Ao contrário, trata-se de uma característica de todas as Olimpíadas. Só que, algumas vezes, este plano tem sido desvirtuado. Designadamente em Munique, pôs-se em prática uma festa de folclore internacional que o Comité Internacional viria a condenar



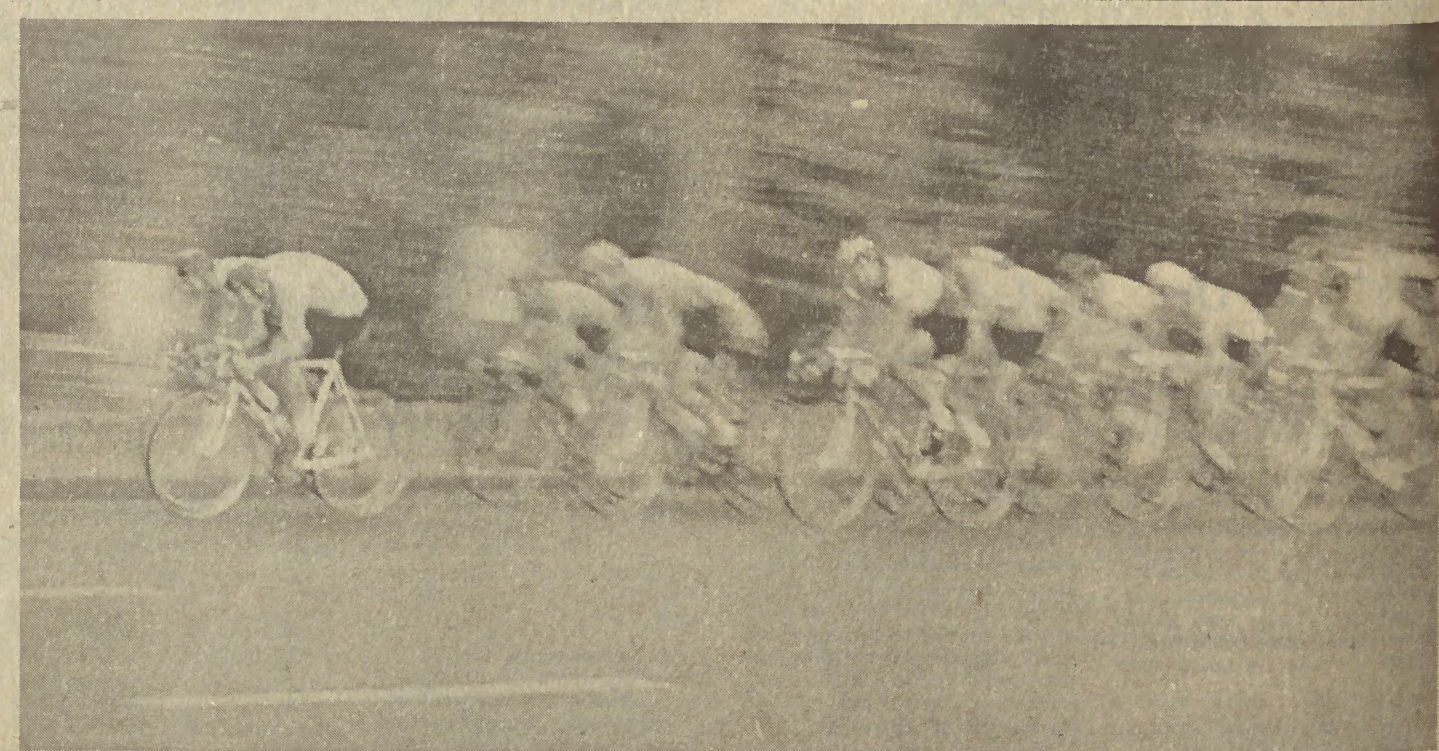
Dezanove centímetros de Stepanov e Yashchenko

Na foto, Vladimir Yashchenko, de 19 anos, recordista mundial do salto em altura com o máximo de 2,35 metros. Há vinte anos, o record mundial era de 2,16 e pertencia ao campeão soviético Yuri Stepanov, batido depois pelo norte-americano John Thomas que atingiu 2,22 m. Os records evoluíram depois deste modo: 1961, Valeri Brumel com 2,23 m; o mesmo atleta atingiu 2,28 m em 1963, record que manteve durante oito anos; 1971, o norte-americano Pat Matzendorf bate-o num centímetro. Há dois anos, o seu compatriota, Dwight Stones saltou 2,30 m, melhorando depois a sua marca para 2,32 m, até ser batido por Vladimir Yashchenko que atingiu 2,33 m em Richmond e 2,35 em Milão



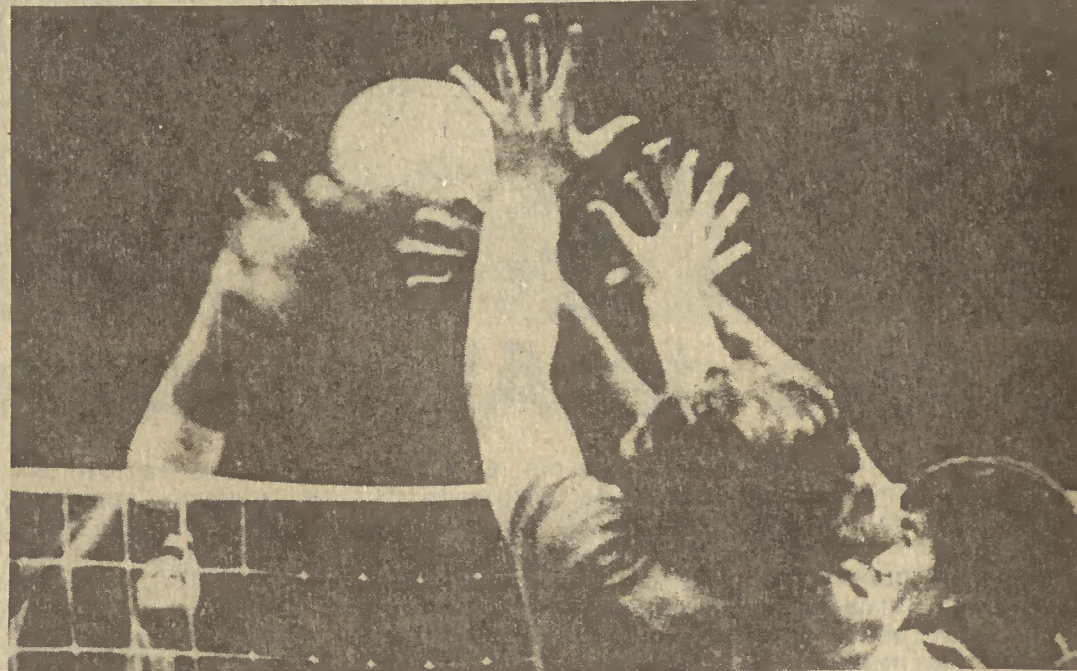
Ginástica no Estádio Lénine

Um momento de uma actuação da jovem ginasta soviética Maria Filatova. Recorde-se que os torneios olímpicos de ginástica e Judo decorrerão no Palácio da Desporto do Estádio Lénine, numa sala com uma pista de 72 por 36 metros e uma capacidade para 12 mil espectadores. Recorde-se ainda que o atleta que até hoje conseguiu ganhar mais medalhas olímpicas é precisamente uma ginasta soviética, Larissa Latínina (9 de ouro, 5 de prata e 4 de bronze)



Madeira da Sibéria

Para as provas do Ciclismo está a construir-se uma pista coberta com um comprimento de 333,3 metros. Poderão assistir 6 mil espectadores. O piso da pista tem a particularidade de ser uma madeira especial da Sibéria. As provas por equipas, de 100 km, realizar-se-ão na estrada de Minsk



Novas construções para o voleibol

Para as competições de Voleibol, está a ser reconstruído o Estádio Central Lénine e erguer-se-á até 1980 um moderno palácio desportivo com uma capacidade de 10 mil lugares. Também para a prática de voleibol, está a construir-se uma instalação desportiva «Druzhba» «Amizade», cuja lotação se calcula em 3,5 mil lugares

precisando que a intenção era a de cada país organizador imprimir um carácter nacional a essas manifestações.

Assim se fará na União Soviética, dando-se a conhecer a cultura soviética, mostrando os frutos reais de uma cultura que constitui justo motivo de orgulho de toda uma nação. O seu traço dominante será a alta qualidade. Não faltará, por exemplo, as Companhias de Ópera e de Ballet do Bolchoi, famoso em

tudo o Mundo, assim como outros grandes conjuntos artísticos que excepcionalmente nesse Verão ficarão por Moscovo. Teatro, Música, Coros, Danças Folclóricas e outras actividades suceder-se-ão em Moscovo e noutras cidades onde haverá igualmente competição olímpica — Tallin, Kiev, Leninegrado e Minsk — e ainda noutras de conhecida atracção turística. Os próprios atletas da Aldeia Olímpica não serão esquecidos: haverá programas de carácter mais ligeiro a fim de proporcionar aos campeões um ensejo de aliviarem um pouco a tensão que resulta das suas responsabilidades desportivas.

Mas os Jogos não serão unicamente uma festa desportiva e cultural grandiosa. Serão muito mais do que isso. Diz-nos Vladimir Popov:

— Além dos objectivos gerais na realização dos Jogos Olímpicos, há outros mais importantes em que estão francamente empenhados o Comité Central do PCUS, o Governo e a opinião pública Soviética. Consistem em tornar estes Jogos em muito mais do que uma grande festa desportiva, pois eles serão a expressão da nossa política de amizade com os

povos de todo o Mundo. Pensamos que os Jogos Olímpicos poderão contribuir para o saneamento da situação internacional. Uma palavra aqui para o desporto no «Livro Verde», de Helsinquia. O «Livro Verde» é uma colectânea de documentos da Conferência de Helsinquia e nele se diz, a certo passo: «Com o fim de alargar os contactos

«Porque as entradas são caras, segundo as normas do Comité Internacional, os sindicatos soviéticos pagarão setenta por cento dos bilhetes dos trabalhadores».

e a cooperação existentes no domínio dos desportos, os Estados participantes incentivarão os respectivos contactos e intercâmbio, nomeadamente encontros e competições desportivas de todos os tipos com base nas regras, cláusulas e na prática internacional universalmente reconhecidos.

É neste espírito que Moscovo promove os XXII Jogos Olímpicos. E neste mesmo espírito que, por certo, eles vão decorrer.

Presente desde 1952 União Soviética «açambarcadora» de medalhas

Estes Jogos de Moscovo são os da XXII Olimpíada (espaço de quatro anos que decorre entre dois Jogos Olímpicos) e são os primeiros a realizarem-se num país socialista, mas a URSS só concorre a partir de 1952, tendo conquistado as seguintes medalhas:

	OURO	PRATA	BRONZE
1952 - Helsinquia	22	30	19
1965 - Melbourne	37	29	32
1960 - Roma	43	29	31
1964 - Tóquio	30	31	35
1968 - México	29	32	30
1972 - Munique	50	27	22
1976 - Montreal	47	43	35

No total, 683 medalhas: 258 de ouro, 221 de prata e 204 de bronze.

No mesmo período (1952-1976) os Estados Unidos conquistaram 606 medalhas das quais 254 de ouro.

A ginasta soviética Larissa Latínina é recordista mundial do número de medalhas: 9 de ouro, 5 de prata e 4 de bronze, num total de dezolito.

O atleta Vítor Saneév (tríplo salto), o remador Viatcheslav Ivanov e o lutador Aleksandr Medvéd conquistaram medalhas em três Jogos Olímpicos consecutivos.

Disputam-se também os chamados Jogos Olímpicos de Inverno (dos chamados desportos de Inverno: esqui, hóquei, etc.) e também a participação dos atletas da URSS tem sido brilhante.

	OURO	PRATA	BRONZE
1956 - Ampezzo	7	3	6
1960 - Squaw Valley	7	5	9
1964 - Innsbruck	11	8	6
1968 - Grenoble	5	5	3
1972 - Sapporo	8	5	3
1976 - Innsbruck	13	6	8

Total: 118 medalhas: 51 de ouro, 32 de prata e 35 de bronze.

«Micha» conta o tempo e «ganha» dinheiro ...

No dia em que estivemos na sede do Comité Organizador dos Jogos Olímpicos estávamos precisamente a 376 dias da realização dos Jogos Olímpicos de 1980.

Nas várias salas do Comité há calendários dominados pela já popularíssima figura do ursinho «Micha», e todos os dias é mudada a folha que indica, em grossos caracteres, os dias que faltam.

— «Micha» — dir-nos-ia um funcionário daqueles serviços — todos os dias nos lembra assim a grandeza e a responsabilidade das nossas tarefas, a necessidade de tudo estar pronto a tempo e horas. É um amigo mas é também um tirano. Toda a gente o vê com aquele ar bonzinho e bonacheirão, mas para nós chega a ser um sujeito assustador, sobretudo se as coisas não correm bem. Todas as pessoas que têm algo a construir se sentem

naturalmente perturbadas e nós temos a noção da importância da nossa tarefa. As coisas não correm bem no último Inverno porque foi extremamente rigoroso, há cem anos que não havia um Inverno assim, o termómetro desceu, em Moscovo, quase até aos cinquenta graus negativos, mas o bom tempo voltou e o esforço de produção foi tal que todo o atraso foi recuperado. O plano está a ser cumprido, as metas serão atingidas.

Mas voltando a «Micha», nosso amigo e nosso «chef», tem dado exemplo porque está farto de trabalhar para a receita dos Jogos Olímpicos. Importa dizer que nós não vamos ganhar dinheiro com os Jogos Olímpicos, o nosso caso não pode ser visto apenas a essa luz. O financiamento será do Orçamento Geral do Estado, nomeadamente com as



despesas directas das instalações enormes, na ordem dos 250 milhões de rublos, mas mesmo assim menores do que em Jogos anteriores. Em parte essas despesas são cobertas através de várias iniciativas, designadamente de propaganda e neste capítulo o «Micha» é inefável... A venda de direitos, os contratos de licença com estrangeiros, tudo isso concorrerá para a receita, assim como os bilhetes já à venda quer na URSS quer noutros países.

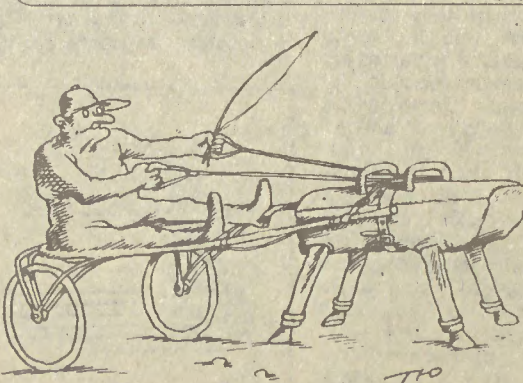
o preço de um bilhete para a primeira fila do Teatro Bolchoi é igual ao de um bilhete para qualquer cinema vulgar em Nova Iorque.

Vladimir Popov derá-nos números. A lotação dos Estádios que, só em Moscovo, vão servir os Jogos Olímpicos soma 350 000 lugares e, para eles, haverá 5 850 000 bilhetes para as sucessivas competições de manhã e de tarde. E contara-nos também da grande afluência que se registrará de visitantes estrangeiros de todos os cantos do Mundo, dos hotéis que se fizeram, dos cuidados necessários para a recepção desses turistas.

Dai a nossa pergunta. Dai a resposta que obtivemos:

— Os soviéticos irão também, evidentemente,

humor nas olimpíadas



Semana

8

Quarta-feira

1945 — A URSS, fiel aos compromissos assumidos na Conferência Inter-Alíados de Yalta, declara guerra ao Japão, que haveria de capitular 24 dias depois. Foi o fim da II Guerra Mundial.



Samora Machel

O Presidente Samora Machel declara que Moçambique está disposto, como país socialista, a cooperação com empresas privadas estrangeiras mas recusa ser um eterno fornecedor de matérias-primas. ■ A União Nacional Africana do Zimbábue, ZANU, anuncia que só participará em qualquer conferência sobre a Rodésia se o regime de Smith-Muzorewa for previamente liquidado. ■ Os negociadores espanhóis e as forças políticas da Catalunha chegam a acordo sobre o futuro estatuto de autonomia. ■ Encerra por doze dias uma central nuclear holandesa, depois de se ter verificado uma fuga de vapor não radioactiva. ■ Janos Kadar, 1.º Secretário do CC do Partido Socialista Operário Húngaro encontra-se, em Tihany, com Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP. ■ Vinte e um altos funcionários, acusados de conspirar contra o Estado, são fuzilados no Iraque. ■ O Primeiro-Ministro libanês apela à solidariedade internacional para conter a agressão sionista.

9

Quinta-feira

1974 — Na sequência do escândalo Watergate, Nixon demite-se da Presidência dos EUA.

O ministro dos NE da RFA parte para os EUA, início de uma viagem que continuará pela Síria, Líbano, Jordânia e Egito, para proceder a sondagens quanto a iniciativas da Europa capitalista sobre a situação no Médio-Oriente. ■ O Japão assinala o 34.º aniversário do criminoso lançamento da bomba atómica sobre Nagasaki pelos EUA, que provocou 78 mil mortos e doenças em muitos milhares de pessoas. ■ Centenas de artistas de cinema, produtores e escritores norte-americanos publicam em Los Angeles uma declaração de solidariedade com Jane Fonda, atriz que foi rejeitada pelo Senado da Califórnia para membro do Conselho Artístico do Estado, em virtude das suas opiniões democráticas e progressistas. ■ Dez saudistas do nazismo são condenados em Berlim Ocidental pela tentativa de reorganização do partido de Hitler. ■ Manifestação pacífica, em Teerão, contra o fecho de jornais iranianos, é atacada por centenas de jovens "islâmicos".

10

Sexta-feira

1881 — Nasce Alexandre Fleming, que descobriu a penicilina. Prémio Nobel em 1945.



Uster: 10 anos de violência

Jesse Jackson, activista americano dos direitos civis, denuncia após uma viagem à África do Sul que os EUA estão a violar o embargo àquele país através das grandes companhias americanas que ali operam — a Ford, General Motors, IBM, Caltex, Mobil —, algumas delas fornecendo peças e serviços directamente ao aparelho militar sul-africano. ■ Em Londonderry, Belfast e outras cidades do Ulster (Irlanda do Norte), violentas manifestações de protesto assinalam o 10.º aniversário da ocupação do País por tropas britânicas. Balanço de uma década de "pacificação": dois mil mortos. ■ O governo iraniano denuncia oficialmente os seus contratos de compra de armamento com os EUA, assim como os de assistência de conselheiros americanos junto do seu exército. Igualmente denunciados os contratos antes estabelecidos com a RFA para o fornecimento de submarinos. ■ Cerca de meia centena de membros da organização racista americana Ku-Klux-Klan encenam uma marcha provocatória no Alabama, pelo "poder branco". ■ Reconstrução Nacional da Nicarágua anuncia a nacionalização do comércio agrícola externo (que visa essencialmente a defesa dos preços do café, açúcar e algodão) e a instauração da liberdade de imprensa. ■ Após 9 anos de ditaduras militares, tomam posse o novo presidente constitucional do Equador, Jaime Roldos, que se define de "centro-esquerda", e a nova Assembleia Nacional eleita, composta por 69 deputados.

11

Sábado

1919 — Na Alemanha, é promulgada a Constituição de Weimar.

As primeiras empresas confiscadas a Somoza e transferidas para o Estado representam um valor de 5000 milhões de escudos. Segundo as últimas informações, a fortuna de Somoza ultrapassa substancialmente os cálculos iniciais: sem contar com as explorações agro-pecuárias, as suas empresas contribuíam com mais de 30 por cento para o produto nacional bruto, que aliás o próprio ditador arrecadava. ■ A "fuga" de um relatório secreto do Senado dos EUA prova que a CIA estimula e cobre as actividades das polícias secretas de outros países que operam nos EUA contra emigrantes e exilados dos seus países de origem, e mesmo contra cidadãos americanos que manifestam críticas a esses regimes (os do Chile, Filipinas, Formosa, etc.).

12

Domingo

1970 — É assinado em Moscovo um tratado de não-agressão entre a URSS e a RFA, marco histórico na política de desarmamento e coexistência pacífica na Europa.

Em Moscovo começa o congresso extraordinário da Associação Internacional de Ciências Políticas, instituída há 30 anos pela UNESCO. Participam mais de 1500 cientistas de cerca de 50 países, que examinarão problemas de actualidade ("política e paz", "política de desenvolvimento e mudanças de sistema") e se debruçarão sobre a evolução teórica e metodológica das ciências políticas nas três últimas décadas. ■ No Boletim Oficial da Guiné-Bissau foi publicado o decreto que nacionaliza os seguros. As filiais das companhias estrangeiras de seguros deverão ser encerradas até 31 de Dezembro de 1979. ■ Uma remodelação ministerial e a extinção do Ministério da Segurança Estatal foram anunciadas no Yemem Democrático. ■ Após sete meses de crise governamental, o novo governo minoritário italiano presidido por Francesco Cossiga (democrata-cristão) "passou" no parlamento, graças à abstenção dos socialistas e dos republicanos. Os deputados comunistas, assim como a extrema-esquerda e a direita, votaram contra. ■ 300 prisioneiros, na maioria ex-membros da Guarda Nacional de Somoza, são libertados na Nicarágua.

13

Segunda-feira

1899 — Nasce Alfred Hitchcock, considerado o mestre do cinema de "suspense". Realizou até à data 53 filmes.

Na Índia Ocidental, o rebentamento de uma barragem, provocado por uma tromba de água, causou a destruição da cidade de Morvi e a morte por afogamento de milhares dos seus habitantes. ■ Em Espanha, uma greve dirigida pelas Comissões Obreras paralisa, até à próxima quinta-feira, 20 000 trabalhadores e 2200 estações de serviço do sector privado. ■ Em Teerão, novos motins entre militantes esquerdistas, que protestavam contra as recentes restrições à liberdade de imprensa, e activistas islâmicos, provocam centenas de feridos. ■ A artilharia israelita bombardeou 3 aldeias controladas pelas tropas da ONU, no Sul do Líbano, e a cidade de Nabatykh. ■ Em Londres, cerca de 10 mil pessoas manifestaram-se na rua a favor da retirada das tropas inglesas do Uster. ■ A revista norte-americana "Time" foi posta à venda na China. O editor, John Meyers, considera este regresso "apokaliptico".

14

Terça-feira

1978 — Com a participação de 103 Estados, começa, em Genebra, a Conferência Mundial sobre o Racismo e a Discriminação Racial, sob a égide da ONU.



Em resposta às reivindicações populares que nos últimos dias se manifestaram no Sudão, o ditador Nimeiry apela à limpeza dos elementos comunistas, denunciando-os às forças de segurança para que possam ser liquidados. ■ Um porta-voz do Partido Socialista Francês anuncia que o seu partido decidiu encetar o processo de relançamento da União da Esquerda (aliança com o PCF), "para que as soluções de esquerda passem a ser as soluções da França". ■ A Maurítania dá início à retirada das suas tropas do território que ocupa no Sara Ocidental, nos termos do acordo que assinou com a Frente Polisário no passado dia 5. ■ Em Israel mais de um milhão de trabalhadores paralisam durante duas horas em protesto contra o aumento do custo de vida. ■ Também em Inglaterra um milhão de operários do sector automóvel paralisam por aumento de salários.

Imperialismo e senhores feudais unidos contra a revolução afgã

Nos primeiros dias de Agosto, uma tentativa de grupos contra-revolucionários para provocar incidentes na capital do Afeganistão, Kabul, foi rapidamente liquidada pelas forças de segurança com o activo apoio da população. 48 horas depois a calma reinante permitia que o recolher obrigatório, instaurado a partir das 20 horas, fosse novamente fixado para as 23 horas, dentro das medidas de vigilância normais face às ameaças permanentes das forças da reacção, apoiadas e alimentadas pelo imperialismo.

Mas a calma que regressou a Kabul não se estabeleceu com a mesma velocidade nas reacções dos órgãos de propaganda burgueses, onde nascem fenómenos curiosos. Por exemplo: o islamismo, teoria e valor condenável no actual Irão, é, pelo contrário, um ideal mais que defensivo no Afeganistão; ou, ainda, a empenhada defesa do "direito" do povo cambojano a "defender" um regime que liquidou um terço da população, muito em particular os sectores que manifestassem «veleidades» de instrução.

Na verdade, o curso da provocação pela propaganda está intimamente ligado a outras formas mais materiais de ingerência nas questões internas de outros povos, em particular quando optam por caminhos abertamente progressistas.

Os acontecimentos de Kabul não são inéditos e têm as suas raízes e os seus defensores também a nível internacional. Em meados de Março, em Herat, a terceira maior cidade do país, grupos contra-revolucionários ocuparam quartéis, depósitos de material de guerra e armazéns de géneros alimentícios, tendo conseguido arrastar sectores da população numa manifestação reaccionária, jogando com o fomento de conflitos religiosos e com as próprias dificuldades vividas por um país que, à data da revolução, era citado por peritos da ONU como um dos mais atrasados do mundo. Em fins de Março, uma onda de comícios e manifestações por todo o país, em defesa das conquistas de Abril e contra as acções contra-revolucionárias, constituiu um testemunho inequívoco do apoio popular ao

governo da República Democrática do Afeganistão, apoio aliás patente na construção, quotidiana, de uma nova vida. Quem está por detrás das acções contra-revolucionárias — que classes, que interesses —, quais as tácticas utilizadas? Uma questão central para se compreender o que se passa no Afeganistão. A revolução prejudicou de facto — prejudica sempre — um sector da população: as classes exploradoras, os grandes senhores feudais, antes donos do poder e detentores do direito de vida ou de morte sobre as massas camponesas. Exactamente 2% da população: as 340 000 pessoas que, apoiadas em dólares, libras esterlinas, yuans chineses e rupias paquistanesas, compram armas, criam os centros de treino e conduzem uma propaganda logicamente hostil ao novo regime. Esta a base humana interna da subversão, ampliada por sectores enganados pela propaganda que



Flores nos canhões dos tanques — símbolo da unidade, que se reforça, entre povo e Forças Armadas, contra os desígnios e as provocações da reacção, apoiados e alimentados pelo imperialismo

Vietnam: quem está interessado no êxodo de vietnamitas de origem chinesa?

A campanha contra o povo vietnamita — que perdeu parte da sua agudeza e do seu impacto face à inequívoca posição de coerência e vontade de resolver os problemas pendentes, uma vez mais assumida pelo governo vietnamita na conferência internacional convocada para o problema dos refugiados — não desapareceu entretanto do "arsenal da calúnia" de que se alimenta a propaganda imperialista contra o socialismo e contra o Vietnam socialista.

Uma primeira questão se coloca para compreender o problema — real — dos refugiados: quem está interessado no êxodo de vietnamitas de origem chinesa (80% a 90% do total de refugiados)?

Para o Vietnam — devastado pela guerra e pela ocupação estrangeira, pela tensão continuada ao longo das fronteiras que viria a culminar na agressão chinesa; vítima de calamidades naturais que arrasaram diversas zonas do país — a questão central não pode deixar de ser a da reconstrução, o que implica, numa economia atrasada e depauperada, abundância de mão-de-obra, auxílio externo, ausência de problemas sociais ou quaisquer outros problemas internos e externos.



Da guerra à reconstrução do país e de um novo futuro: o caminho em que está empenhado o povo vietnamita e que há quem queira sabotar e, se possível, inverter

Contra a repressão no Uruguai

O Uruguai é hoje justamente considerado como uma imensa prisão, um país onde o regime fascista é exclusivamente sustentado pelo aparelho repressivo e pelo auxílio do imperialismo, contra todo o povo. Factos que se reflectem na persistente brutalidade e amplitude da repressão e se concretizam, também no dia a dia, no sistemático agravamento das condições de vida da população, por um lado, e nas lutas dos trabalhadores que, apesar da repressão, se batem pelos seus interesses, por um futuro Uruguai democrático.

Nos seis primeiros meses de 1979 os preços aumentaram em 32,47%, duplicando em relação a igual período do ano passado. Em 1978 o salário real equivalia a metade do de 1972 enquanto em Janeiro de 1979 se registou o nível mínimo dos índices salariais da última década. Entretanto, o ano de 1978 terminou com uma série de paralisações operárias, particularmente na indústria de construção. As paralisações, por aumentos salariais e em defesa da

legislação social, foram particularmente numerosas em Punta del Este, onde se registaram 19 paralisações de 15 minutos no fim do ano.

Solidariedade com as crianças do Uruguai

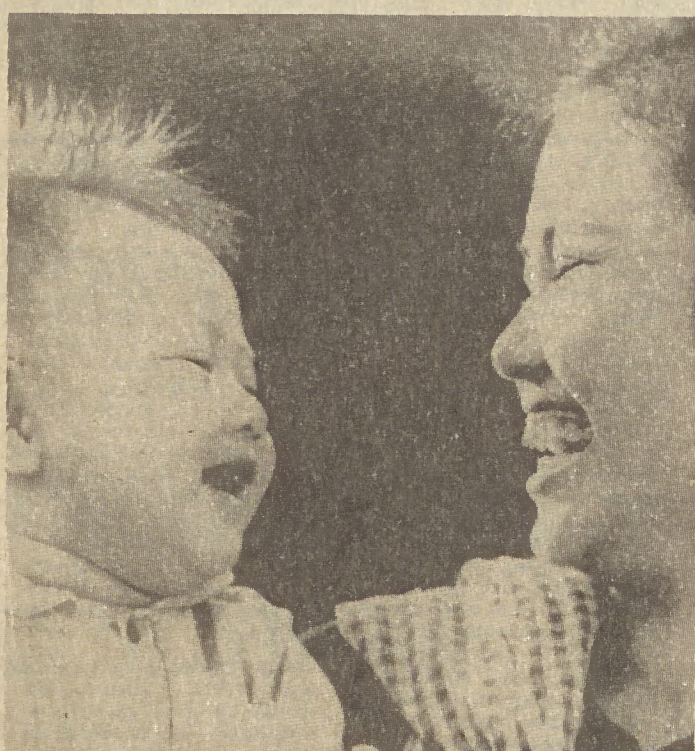
No Ano Internacional da Criança — em que se comemora o 30.º aniversário da Declaração dos Direitos da Criança da ONU —, confirmamos que os princípios e os direitos humanos são sistematicamente violados no Uruguai.

As crianças sofrem de forma directa a crise económica, social, educativa, sanitária, e são vítimas indefesas do terror político que há já seis anos se desmolda contra a população. Um em cada 500 habitantes tem a vida ameaçada pelo aparelho repressivo, um em cada 400 está nas prisões e nos campos de concentração. Não há nenhuma família que directa ou indirectamente não tenha sofrido a repressão. Isto afecta milhares de crianças. Calcula-se em 10 000 os que crescem sem pai ou mãe ou sem ambos, por causa das prisões, sequestros e assassinatos. Há crianças desaparecidas que no momento do sequestro não tinham cinco anos de idade, há crianças assassinadas e torturadas. Profundamente preocupados com o presente e o futuro das crianças uruguayas que como todas as crianças têm o direito a receber "o melhor que lhes possa dar" a humanidade, a viver em "paz e segurança".

Apelamos a todas as organizações, a todos os que defendem os sagrados direitos da criança para que redobrem

a solidariedade com o povo do Uruguai: — para que apareçam as crianças desaparecidas, — para que possam recuperar a sua liberdade, — para que 10 000 crianças possam juntar-se aos seus pais, — para que milhares possam regressar, — para que milhares de filhos de presos políticos possam receber ajuda material.

Apelamos: a) A apoiar a campanha mundial pela amnistia que signifique a libertação de todos os presos políticos, o aparecimento dos sequestrados, o levantamento da interdição dos direitos políticos, o regresso dos exilados. b) A exigir que seja autorizada a entrada de auxílio material para os filhos dos presos políticos e seus familiares. c) A aderir à Jornada mundial de solidariedade com a criança uruguia a realizar no dia 25 de Outubro deste ano.



Da guerra à reconstrução do país e de um novo futuro: o caminho em que está empenhado o povo vietnamita e que há quem queira sabotar e, se possível, inverter

O Mediterrâneo nos planos da NATO

Nos primeiros dias de Agosto, Brzezinski, conselheiro do Presidente Carter para os assuntos de Segurança Nacional, repisando o seu normal repertório anticomunista e anti-soviético, afirmou: «temos de garantir o Poder e os meios de levar a nossa força onde for necessária, o que faremos de modo e com nível de intensidade apropriados». Isto uma vez mais, claro está, face à «necessidade» de enfrentar «um desafio político militar grave» por parte da URSS. Na verdade, tais afirmações revelam as preocupações do imperialismo face ao ascenso do movimento revolucionário em várias zonas do mundo, ao falhanço das suas manobras no Médio Oriente, à evidente instabilidade política e socio-económica dos países capitalistas. Factos que concretizam a lógica da evolução histórica e não um «desafio» da União Soviética. Mas que nem por isso — antes pelo contrário — são menos preocupantes para o imperialismo. Neste contexto as palavras de Brzezinski envolvem uma ameaça ao movimento de libertação dos povos e das massas trabalhadoras e à paz mundial. Tanto mais que se esboçam esforços muito nítidos para a sua concretização prática.

A perda do Irão, a realidade de um Afeganistão revolucionário, que a reacção interna e o imperialismo não conseguem aniquilar, assim como de putos regimes progressistas na zona, gerou uma preocupação notória de reforço da estrutura militar da NATO na zona, nomeadamente na região mediterrânica. A estrutura militar da NATO nesta região, a 6.ª esquadra americana e as bases militares dos EUA nalguns países mediterrânicos, são consideradas insuficientes. Fala-se da «necessidade» de criação de um novo bloco militar no Médio Oriente, em que Israel representaria o papel principal, enquanto as Forças Armadas Egípcias seriam directamente integradas no sistema militar ocidental. Nesta mesma ordem de preocupações se integram as ameaças de Washington sobre a possibilidade de uma acção militar para a ocupação dos campos de petróleo no Médio Oriente, e o crescente empenhamento numa completa integração da Grécia e da Turquia no aparelho militar da NATO.

NESTE particular, que na verdade corresponde à submissão da Grécia e da Turquia aos interesses norte-americanos, os EUA contam com um triunfo importante: o facto de os governos de ambos estes países, embora em situações político-sociais diversas, mostrarem o seu empenhamento na sua inserção «no ocidente». A Turquia de Ecevit, onde a liberdade de manobra concedida às forças de direita conduz ao recorde de 3 assassinatos políticos por dia, e cujas dívidas externas sobem a 20 bilhões de dólares, cai de cedência em cedência face aos Estados Unidos, admitindo mesmo a hipótese de voos de aviões americanos U-2 no espaço aéreo nacional para acções de espionagem a território soviético, a pretexto da verificação do cumprimento dos acordos SALT II. Entretanto, o governo grego reafirma expressamente o seu interesse na reintegração na NATO. Posições assumidas contra os interesses e mesmo deprimindo o protesto dos povos de ambos os países. Contra os interesses da paz.

doenças epidémicas e sociais estão em vias de extinção; liquidação total do analfabetismo, pela primeira vez num país do sudeste asiático; cerca de um milhão de hectares de terras desbravadas ou revalorizadas; 1 300 000 pessoas instaladas nas novas zonas económicas, o que significa, de facto, contrariamente ao que afirma a propaganda imperialista, possibilidade de trabalho e não imposição social (a quantas pessoas não é oferecida nenhuma possibilidade de trabalhar nos países capitalistas desenvolvidos, ricos, «civilizados», «livres»?); crescimento da capacidade económica do país, humanização da gente, outorga lançada no submundo da droga, da prostituição, do parasitismo, criação de novas estruturas sociais, como escolas, infantários, hospitais, comércio; milhares de tractores no cultivo das terras, antes abandonadas; electrificação dos campos; um aumento da produção industrial, em 1978, da ordem dos 20%.

As «razões» do imperialismo

Da parte do imperialismo, são evidentes as razões que levam a um empenhamento nesta campanha contra o Vietnam, evidentes até pelo momento em que se dá o recrudescimento da campanha de calúnias, coincidente com a fase de diminuição do movimento de refugiados. Trata-se, por um lado, de uma táctica normalmente utilizada contra todos os povos que oprimam por vias de desenvolvimento alheias e contrárias aos interesses do imperialismo. E é claro para qualquer pessoa que a melhor forma de pôr em causa um regime que precisa vitalmente de paz, de apoio e coesão do seu povo, de múltiplo auxílio externo, para arrancar de uma situação de profundo atraso e destruição, facilmente imaginável nos países onde se centra a propaganda antivietnamita, será isolá-lo internacionalmente, dividí-lo, se possível, internamente, privá-lo de uma das suas fundamentos e quase únicas riquezas: a abundância de mão-de-obra. O problema dos refugiados, contradição assim, claramente, os interesses económicos e políticos do Vietnam. Mas favorece, sem dúvida, o imperialismo, como as ambições hegemónicas da China na zona.

A questão dos refugiados não se reduz, entretanto, à localização de responsáveis. Se é real o seu empenhamento deliberado por parte da propaganda imperialista (porque é que ninguém fala dos refugiados que fogem ilegalmente da China à média de 16 000 pessoas por mês?), não é menos real e premente o problema em si. Porquê o fluxo de gente que foge do Vietnam socialista?

Em 1954, quando o povo vietnamita alcançou a vitória sobre os colonialistas franceses, mais de um milhão de pessoas foram enganadas e arrastadas para o sul, sob a velha ameaça da «crusada comunista». Na Primavera de 1975, nas vésperas da ofensiva vitoriosa das forças de libertação, os EUA e os fantoches de Saigão, elaboraram um plano, que não se chegou a concretizar nas proporções previstas, para a evacuação de mais de 1 milhão de pessoas. Mas as sementes ficaram: a ameaça de um «banho de sangue», as famílias divididas, com parte já a viver noutros países, as imensas dificuldades económicas, os hábitos de parasitismo de parte da população do sul. O governo do Vietnam socialista vitorioso não fez um único morto entre os que participaram activamente na repressão, no massacre do seu próprio povo. Elaborou os planos necessários para uma tão rápida quanto possível recuperação do país, ao serviço de todo o povo vietnamita. Mas não pode — porque não a tem — oferecer a abundância num momento em que o que se impõe é construir sobre o zero. Sobretudo não oferece privilégios a ninguém. Pelo contrário. Os que a isso estavam habituados não podem deixar de se ressentir. Acompanham-nos também, arrastados pela propaganda e pelas dificuldades actuais, os que só teriam a ganhar em permanecer no novo Vietnam. A responsabilidade fundamental cabe à China, que rejeita, quando não utiliza na acção de provocação ou na exploração económica de outros povos, os mesmos que levanta fugir em lanchas e por vezes a morrer no mar, contra os seus próprios interesses pessoais, contra os interesses do Vietnam socialista.

Congresso do PC dos EUA em Agosto

De 23 a 26 de Agosto realiza-se em Detroit o 22.º Congresso do Partido Comunista dos EUA. Participarão nos trabalhos de 800 a 900 delegados, representando as organizações do partido em todo o país, mais fortes e numerosas no flitoral oriental e ocidental, destacando-se Nova York (onde está a sede do Secretariado do Comité Central do Partido e a redacção do seu órgão central, o «Daily World»), as concentrações operárias nos Estados de New Jersey, Pensilvânia, Michigan, Illinois e Califórnia.

O Comité Central do Partido convidou a participar nos trabalhos do Congresso delegações de partidos irmãos de numerosos países do mundo, tendo dirigido ao presidente Carter uma carta em que afirma a convicção de que não serão criadas dificuldades

à entrada das delegações estrangeiras. Recorde-se que no país dos «direitos humanos» é moeda corrente o impedimento de passar as fronteiras para militantes comunistas e de outras organizações progressistas. Nos três dias de debates, os comunistas norte-americanos procederão a uma análise da situação no seu país e a uma apreciação da situação político-social das massas trabalhadoras norte-americanas. Serão avançadas propostas que correspondam a problemas tão agudos como o desemprego, a miséria, os efeitos do racismo e um programa de assistência social e de protecção da saúde para todos os americanos, independentemente da sua situação material — factor que, nos EUA, determina de facto os direitos dos cidadãos.

O Programa do Governo em discussão na Assembleia

Afinal eles estavam lá. Custou-lhes entrar no hemiciclo mas não conseguiram resistir a provar uma vez mais a miséria de que é feita a sua argumentação. Os partidos da direita reacçãoária, pois é deles evidentemente de quem falamos, pensaram ainda não aparecer na Assembleia, esconder a cabeça na areia para não ver o novo Governo, um governo que lhes não agrada. Mas devem ter, subitamente, dado conta de que a sua ausência não incomodaria ninguém.

Quando se iniciou a chamada, via-se vazia a bancada do PPD, embora Sá Carneiro tivesse entrado em São Bento uma hora antes. Nos lugares do CDS havia 13 lugares ocupados — que azar! —. As outras bancadas, do PS, do Partido Comunista e as cadeiras dos independentes enchiam-se. E a sessão começou, com 171 presenças, entre as quais os dois retardatários — Sá Carneiro e Menéres Pimentel, contrariados, que entraram depois de todos os seus colegas.

A curiosidade que envolveu o Governo — dezenas de repórteres fotográficos disparando as máquinas sobre as figuras dos ministros e de Maria de Lurdes Pintasilgo —, não era apenas uma curiosidade de coluna mundana. Foram muitas as pessoas que entraram nas galerias. Muita gente esperou uma boa hora, na rua, para poder ouvir e ver o que se ia passar em São Bento na segunda-feira passada. E a presença de mulheres era mais significativa que o habitual.

Um discurso diferente

Não apenas diferente nas palavras e no seu conteúdo, foi diferente o tom do discurso do Primeiro-Ministro, nesta 5.ª vez que um programa de Governo é apresentado à Assembleia da República. Apesar de se não registarem aplausos no final, a sublinhar a alocação de Maria de Lurdes Pintasilgo, foi evidente que as referências políticas do V Governo Constitucional muito desagradaram à direita e, apesar das reservas que o grupo parlamentar comunista referiu mais tarde existirem quanto à composição do executivo, o discurso constituiu um motivo de esperança — conforme afirmou Carlos Carvalhas.

A vinculação prioritária às eleições intercalares, a criação de um clima de serenidade que proporcione o enquadramento necessário para que o acto eleitoral se realize com a correcção e dignidade que lhe são próprios, a afirmação de que um conjunto de necessidades básicas — alimentação, saúde, habitação, educação e segurança social — merecerão do governo todo o esforço, a manifestação do desejo de procurar soluções dialogantes para os conflitos, foram, entre outras, intenções que o discurso de Maria de Lurdes Pintasilgo deixou marcadas. Intenções que a direita achou mal.

Perguntas para 100 dias

No fim da primeira parte da reunião, distribuiu o programa do governo aos deputados — 40 páginas para 100 dias de governação, «a meia página por dia» como o Primeiro-Ministro sublinhou respondendo a Salgado Zenha que achou o programa demasiado ambicioso —, veio o intervalo. Nos Passos Perdidos, os deputados do PPD e do CDS não ganharam passos, como o costumam fazer quando têm homens seus na área do governo e distribuem salamaleques e sorrisos.

Reunidos de novo em Assembleia, os deputados prepararam-se então para as perguntas ao Governo.

Segundo a ordem estabelecida, foi Salgado Zenha, pelo PS, a dirigir-se ao executivo em primeiro lugar. Enchendo os largos minutos com um improviso floreado, com poucas perguntas a fazer — dir-se-ia —, o presidente do grupo parlamentar socialista ficou-o-se nas saudações ao Primeiro-Ministro, exprimindo o repúdio que lhe mereceu a campanha de que Maria de Lurdes Pintasilgo tem sido alvo. A sua simpatia pelos restantes membros do Governo, conforme quis dekar sublinhado, divide-se em maior e menor, não excluindo que alguns ministros há que merecem do PS certa antipatia...



Salgado Zenha não ia perder a oportunidade de se manifestar contrário à decisão de dissolver a Assembleia da República. Isso nada vai resolver — disse. — Muitas vezes é um expediente quando não se sabe o que se vai fazer — sublinhou ainda, embora também afirmasse que de modo nenhum pretendia impugnar a legitimidade da decisão do Presidente da República.

Mais adiante passou, finalmente, às perguntas, manifestando estranheza por o programa do Governo ser omisso quanto à substituição ou manutenção dos ministros da República nas Regiões Autónomas. O deputado socialista pronunciou-se favorável a uma substituição dos actuais ministros dos Açores e da Madeira, por outros que dessem garantias de respeito pelas liberdades e direitos democráticos naquelas regiões.

Questionou ainda o Governo sobre os actos que este levaria à prática para concretizar a intenção de criar o respeito pelas ideias democráticas e pelo pluralismo ideológico nos meios de comunicação social. Também as substituições praticadas febrilmente por Mota Pinto nos lugares da administração pública, e o que o actual governo vai fazer a esse respeito, mereceu uma pergunta de Salgado Zenha que, por fim, se interessou em saber a posição do executivo quanto à forma como vai conciliar a sua actividade com o facto de a Assembleia ser dissolvida.

Palavras inúteis num debate

Assistiu-se, depois, à costumada incoerência das palavras com que a direita esconde as suas aspirações. Primeiro foi a deputada Helena Roseta, escolhida pelo que resta do PPD para questionar o Governo. Começou, no tom agressivo que lhe é peculiar, por afirmar a sua desilusão, e a dos seus amigos, por ver que a primeira mulher a chefiar um Governo não professava as mesmas ideias que as que defende o partido reacçãoário que é o seu. E depois de sentenciar que o debate era desnecessário, vazio e sem significado, que era perfeitamente inútil estarem ali a gastar dinheiro ao Estado, afirmou que tinha algo a dizer...

Que o Governo não era imparcial nem de acalma, pois que só teria o apoio dos comunistas e dos socialistas e a oposição do PPD e do CDS. Que portanto era um Governo de afrontamento! Insurgiu-se ainda contra o Presidente da República, acusando-o de provocação intencional ao apoiar pessoas dissidentes do seu partido. E, nas perguntas, inúteis afinal, que colocou, avultou o azedume e o medo.

Ameaçando o Presidente da República de que, no dia (?) em que ganhar a aliança «democrática», termina o papel do PR, manifestou três receios:

Quanto à preparação das eleições, receou que os actuais governadores civis sejam substituídos; quanto à comunicação social, receou as medidas do governo para garantir os critérios de isenção em relação às próximas eleições; quanto à política externa, depois de considerar as ideias políticas do executivo próximas dos «terceiro-mundistas», receou a revitalização das relações de Portugal com os países africanos, nomeadamente

com Angola e Moçambique, anunciadas no programa. Um coro de gargalhadas sublinhou o desejo expresso de Helena Roseta de que a aliança «democrática» ganhe...

No poleiro

Rui Pena, do CDS, vai à tribuna falar com papel na mão. E as suas primeiras palavras, cheias de despeito e insignificância, são para afirmar que não poderia falar da sua bancada, a nível inferior ao do Primeiro-Ministro. Surpreende-se com o Governo. E esclarece, em vez de pedir esclarecimentos, que discorda do procedimento político do Presidente da República ao proceder à formação do governo.

Alinhando as suas palavras pelas do PPD, caracteriza o debate como inútil, desnecessário e contraproducente! Mas não deixa de questionar o governo e de exprimir os mesmos receios que a sua anterior oradora.

Receia as críticas ou as apologias futuras, em intervenções públicas, de Maria de Lurdes Pintasilgo quanto a questões não directamente ligadas à governação ou à administração e receia as possíveis consequências dessas intervenções. Receia as preferências ideológicas-partidárias da Primeiro-Ministro. Receia eventuais reformas. Receia que o Primeiro-Ministro se pronuncie sobre a questão do aborto em Portugal. Receia que o governo estabeleça o diálogo com os parceiros sociais — quais?, pergunta. Receia também a substituição de governadores civis.

Receios, foi o que a direita reacçãoária expressou, num debate que pretendia inútil, desnecessário e contraproducente!

A dignidade

Carlos Carvalhas, o deputado comunista que interveio em nome do grupo parlamentar do PCP, deu uma tônica diferente à sessão, com a serenidade das suas palavras, a dignidade com que apreciou o discurso do Primeiro-Ministro e a constituição do Governo, as reservas que colocou, as perguntas que fez.

Discurso sistematizado, que publicamos nesta página, revela a ponderação com que os comunistas encaram o actual momento político, as preocupações, ligadas profundamente aos problemas dos trabalhadores e do povo português.

Como os outros grupos parlamentares — e salientando a aparente semelhança formal que revela a dissemelhança nos propósitos e nas preocupações —, também, desta vez, as medidas quanto aos meios de comunicação social foram objecto de uma questão de Carlos Carvalhas.

Depois foram as formações menores do parlamento que tomaram a palavra: os membros da ASDI, pelo voz de Magalhães-Mota, aproveitaram o seu tempo para descascarem nos seus ex-colegas do PPD. No seu estilo pomposo e um tanto vazio, o antigo ministro da dieta nacional, não desperdiçou a oportunidade de zuri-los os antigos companheiros de bancada. Eis algumas acusações que certamente encontraram quem as enfiasse como carapuça:

UDP: as ilusões perdidas

✓ Manuel Monteiro substituiu António Barreiros. Consequência da crise no seio da UDP, que alguns jornais apelidam de «larva».

Se é «larva» ou não, é coisa que não nos foi dado saber. Nem é coisa que possa preocupar senão os próprios udepistas. Também uma substituição nos bancos da Assembleia já não levanta a curiosidade de quem quer

que seja, tão habituados estão os portugueses a esse esboramento dos partidos, tanto da direita como da «esquerda». O que se sabe é que apenas o Partido Comunista se mantém coeso e que cresce a sua influência, ao invés dos outros que a perdem, por não serem de boa qualidade as promessas que fizeram.

Esta substituição veio revelar, porém, mais algumas

incoerências dos «esquerdismo». E por isso falamos dela.

Na passada segunda-feira, em lugar da presença de Acácio Barreiros, surgiu um comunicado seu, anunciando uma conferência de imprensa para o primeiro intervalo.

Arrastando os pés, os jornalistas lá chegaram à sala do senado, lugar triste e bem apropriado para aquele fim. Acácio leu um comunicado, sentado entre dois jovens que se apresentaram como membros demitidos da Comissão Permanente UDP e membro da oposição no Conselho Nacional da mesma organização esquerdista.

Acácio denunciou nesse documento «o prolongamento de uma política que não serve nem a unidade da UDP, nem o reforço do campo popular revolucionário; assume-se assim — disse — uma pesada

responsabilidade diante de todos os activistas e todo o eleitorado da UDP, bem como de todos os trabalhadores e antifascistas».

Disse mais: «Pela minha parte, continuando como membro do Conselho Nacional para onde fui eleito em Congresso, continuarei como militante da UDP, a bater-me pelo seu reforço de forma a que possa desempenhar o impor-

tañte papel que lhe cabe no seio da unidade popular».

Alar em prolongamento de uma política que não serve, Acácio tocou numa ferida que é a sua. De facto essa política que não serve prolonga-se... desde que começou. Nunca serviu a unidade dos trabalhadores, antes serviu e serve quem aposta na divisão das forças democráticas para reinar.

Ao falar do «importante

papel» que cabe à UDP no seio da unidade popular esquece que a própria UDP se arrogou sempre a qualidade de «frente de massas». Que frente é essa a que hoje o ex-deputado propõe o papel de parceiro, com outros partidários e mini-organizações, para a formação de uma «unidade» que levasse para a frente uma «candidatura popular»?

Porque respondendo a perguntas que alguns jornalistas

colocaram, Acácio Barreiros recusou-se a admitir a candidatura da UDP sózinha. «Seria um último recurso», disse. Nenhum partido poderia ser o centro dessa iniciativa. E já confessar que, de Unidade, a UDP tem pouco. Que de Democrática, menos ainda. Que de Popular, não tem nada.

É também confessar que, sozinha, a UDP já não conseguiria a sua reeleição...

Intervenção de Carlos Carvalhas

Em nome do Grupo Parlamentar do PCP, o camarada Carlos Carvalhas, proferiu a seguinte intervenção, no decorrer da sessão da Assembleia da República da passada segunda-feira:

Sr. Presidente
Sr. Primeiro-Ministro
Snrs. Membros do Governo
Snrs. Deputados.

A Assembleia reúne hoje, já no conhecimento da sua próxima dissolução e da marcação de eleições intercalares, para apreciar o programa do V Governo. Esse facto não pode deixar de condicionar fortemente a apreciação do Governo e do seu programa.

Constituído no quadro de uma das salidas constitucionais para a crise governativa e com uma missão principal claramente definida — a de preparar as eleições — este Governo, ao contrário do que sucedeu com os governos Nobre da Costa, e Mota Pinto, não nos suscita reservas no plano institucional.

Quanto ao perfil da Sr.ª Primeiro-Ministro, já tivemos ocasião de dizer que não nos merecia reservas e podemos hoje acrescentar que o discurso que trouxe para a nossa actualidade política, constitui para largas camadas do nosso povo, um motivo de esperança.

No plano da sua composição, o meu Partido já teve oportunidade de tornar público que ela nos merece reservas.

Quanto ao programa, só foi tornado público há momentos, o que naturalmente impossibilita uma opinião fundamentada. O PCP tornou públicas oportunamente quais as características que, no seu entender, são essenciais para um governo formado nas presentes circunstâncias. Entendemos que o Governo deverá contribuir decisivamente para a genuinidade do acto eleitoral, pautando a sua actuação pela isenção e imparcialidade, consagrando iguais condições a todos os partidos, designadamente na comunicação social, garantindo o pleno exercício dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos em todo o território nacional. Por outro lado, o Governo deve

assegurar as necessárias condições de estabilidade política e social, desenvolvendo a sua acção no sentido da atenuação dos conflitos sociais e do apaziguamento, sobre a ofensiva contra os direitos e os interesses dos trabalhadores e do povo e contra as transformações sociais e económicas, actuando no rigoroso cumprimento dos preceitos constitucionais.

Dentro destas linhas, as perguntas que vamos fazer têm naturalmente em vista solicitar algumas informações sobre o programa do Governo que permitam melhor esclarecer qual vai ser a sua actuação futura.

Registe-se, como positivo, o facto de o Governo salientar, na sua intervenção inicial, estar empenhado na criação das condições de isenção e neutralidade necessárias à realização de eleições livres. Trata-se do cumprimento de uma exigência democrática e o empenho do Governo, a ser levado à prática, contribuirá decisivamente para que se atinja tal objectivo.

Um dos sectores onde mais se torna necessária uma acção consequente e decidida é o sector da comunicação social.

Nos últimos tempos, assistiu-se a um verdadeiro assalto aos órgãos da comunicação social estatizada. Pela mão do ex-ministro Proença de Carvalho, homens do PPD, CDS e até do mini-PPM, ocuparam postos-chave, procederam ao afastamento, marginalização e mesmo à suspensão de saneamento de profissionais comprovadamente competentes, censuraram e alteraram programas, fizeram admissões sem qualquer justificação séria, lançaram-se na criação de um clima de perseguições e coacção sobre os trabalhadores da comunicação social.

Hoje, alguns órgãos de comunicação social estatizada estão já descaradamente ao

serviço da campanha eleitoral da aliança monárquico-reacçãoária. O PPD, o CDS e o PPM são privilegiados nas notícias e nas entrevistas, e chega-se ao descaramento de pôr as suas figuras de proa a fazer os comentários políticos. Para além do que se passa noutros órgãos da comunicação social do Estado, o que se passa na RDP atinge foros de escândalo nacional.

Além viu-se aqui a solicitude e o cuidado da deputada Helena Roseta pela Comissão Administrativa da RDP.

O ex-ministro Proença e os seus homens de mão desrespeitaram sucessivamente a Constituição e a lei, recusaram-se a cumprir as deliberações dos Conselhos de Informação, criaram um clima de protipência e vinculação partidária à direita, incompatível com a função e características constitucionais da comunicação social estatizada.

Esta situação não se pode manter, sob pena de não ficar garantida a necessária isenção e imparcialidade.

Pode deduzir-se da intervenção da Senhora Primeiro-Ministro que estas questões estão no centro das preocupações do Governo na área da comunicação social? Que o Governo pautará a sua acção pelo respeito integral da Constituição e da lei e das deliberações dos Conselhos de Informação? Que será reposta a legalidade (particularmente na RDP)?

Senhora Primeiro-Ministro

Como é sabido, as forças que não estão interessadas no prosseguimento da democracia têm nos seus planos um conjunto de acções desestabilizadoras, destinadas a dificultar e mesmo sabotar o próximo acto eleitoral. Já depois da constituição do seu Governo, algumas delas começaram a ser empreendidas. Dirigentes reacçãoários e de organizações marcadamente fascistas chegam ao despalante de as anunciar — como foi o caso nos Açores do separatista José de Almeida.

O caso da ilegal greve dos médicos é claro. Com a inspiração e apoio da aliança

reacçãoária e com a cobertura de órgãos da comunicação social do Estado, como a RDP, visa-se a criação de um clima de instabilidade e insegurança e o combate ao Serviço Nacional de Saúde.

Por outro lado, prosseguem acções de violência nos campos alemenjanos.

Além o que já aqui ouvimos dizer ao PPD e ao CDS confirma mais uma vez que o que estes queriam é que fosse o seu Governo, o governo Mota Pinto, a preparar as eleições.

Por tudo isto podemos deduzir da intervenção da Senhora Primeiro-Ministro que é intenção do Governo aplicar os mecanismos legais necessários para o combate a essas acções desestabilizadoras, garantindo plenamente as liberdades dos cidadãos e «o clima de serenidade», de que falou?

A política de desastre e de agravamento da crise seguida pelos últimos governos, afrontando directamente os direitos e interesses dos trabalhadores e do povo, traduziu-se em numerosas situações de gritante ilegalidade e injustiça de que resultaram numerosos focos de tensão social.

O Governo Mota Pinto da responsabilidade política do PPD e do CDS, deu uma pesada herança de conflitos sociais, em curso ou latentes.

A actuação na zona da Reforma Agrária da equipa Vaz Portugal foi caracterizada por uma rol de ilegalidades, arbitrariedades, violências, esbultos e roubos. O caso da Galeana fica com um entre muitos, mas apesar disso particularmente frisante: nem mesmo uma decisão do Supremo Tribunal Administrativo foi suficiente para ser reposta a legalidade, pois o Governo Mota Pinto não se dignou a cumpri-la.

No campo das relações de trabalho, o governo, permitiu-se, no último dia da sua existência de governo demitido, aprovar um pacote de diplomas que têm merecido a completa e forte oposição do movimento dos trabalhadores e seriam fonte de graves conflitos e tensões se viessem a ser publicados. O Governo Mota Pinto, melhor dizendo do PPD

e do CDS, com essas desesperadas decisões, invadiu mais uma vez a esfera da competência da Assembleia da República e pretendia transformar o Governo seguinte em fiel executor das suas próprias opções. O mesmo se passa por exemplo com a revisão do regime das rendas de casa e com a revisão do regime legal dos baldios.

O caso do imposto sobre os medicamentos, bem como o caso da fiscalização do pagamento do imposto complementar ficam como últimos (ao que se sabe!) exemplos de uma política de desastre e de afrontamento.

As condições de vida dos portugueses degradaram-se brutalmente. A tentativa de impor o tecto salarial de 18%, as subidas vertiginosas dos preços, as centenas de milhar de trabalhadores com a contratação congelada, os reformados que não viram nem de perto nem de longe as suas reivindicações atendidas, a paralisação da construção de Centros de Saúde — tudo são situações a carecerem de medidas urgentes, que tenham em conta os interesses do povo.

Por isso a substituição do Governo Mota Pinto da responsabilidade política do PPD e do CDS, tornou-se uma exigência popular e nacional. Por isso urge reconsiderar muitas das situações legais e gritantemente lesivas dos interesses do povo. Poder-se-á deduzir da intervenção de V. Ex.ª que o Governo tomará na devida consideração estas situações, procurando repor a legalidade e a justiça e atenuando os factores de tensão social que, de outra forma, se manterão necessariamente na sociedade portuguesa? Poder-se-á deduzir que o Governo pensa desenvolver a sua acção em permanente diálogo com os interessados?

Mas também outras acções do anterior Governo do PPD e CDS suscitam na opinião pública preocupações e interrogações e que não são explicáveis, quanto a nós, só pelo reacçãoarismo que lhes serviu de base. Estão entre elas os 3 milhões de contos do PAO DE AÇÚCAR na sequência de um protocolo secreto

negociado pelo ex-primeiro-ministro, a tentativa de criação de uma zona de jogo em Tróia, uma série de desintervenções escandalosas, a autorização de venda de armas a Somoza, a elaboração de um protocolo secreto sobre os VINHOS BORGES, a sucessiva delapidação do sector nacionalizado das pescas, os «fumos de corrupção no MAP» e já na ponta final do governo exoneração, a opção pelo sistema alemão de televisão a cores.

Perante este quadro o povo português tem o direito a interrogar-se se os «fumos de corrupção» se ficaram somente pelo MAP...

E o Governo a que V. Ex.ª preside não pode também, quanto a nós, deixar de se interrogar. Quer V. Ex.ª adiantar algo sobre este assunto?

Senhora Primeiro-Ministro.

A grave situação económica em que nos encontramos é a prova real do que vale e ao que conduziu o governo do PPD/PSD e do CDS, isto é, o Governo da Mota Pinto.

Aumentaram de forma preocupante as dificuldades com que se debate a agricultura portuguesa em consequência da política antieconómica e antinacional do MAP do Governo de Mota Pinto.

Estamos em vésperas de novas sementeiras e o aumento da produção agrícola coloca-se como uma necessidade premente de carácter nacional.

Que medidas encara o Governo a que a Sr.ª Engenheira preside com vista a ajudar a agricultura portuguesa?

Considerando também a importância para o desenvolvimento económico do investimento, que o conselheiro Mota Pinto reduziu substancialmente, menciona o Governo avançar com os projectos de investimento tal como o Alqueva e a beterraba sacarina e com os projectos das empresas nacionalizadas?

E ainda tendo em atenção a importância da banca nacionalizada na execução de uma correcta política de crédito, pensa o Governo rever



os conselhos de gestão da banca nomeados por critérios político-partidários e de analisar os casos escandalosos como os do Grupo Suporte, rotação de cheques em Vila Franca de Xira, e dividas não cobradas de conhecidas personalidades?

Sabe o Governo de V. Ex.ª que um dos mais graves problemas económicos e sociais do País é o elevado nível de desemprego e que as pequenas e médias empresas têm um peso essencial na criação de postos de trabalho no nosso país.

Que medidas pensa o Governo tomar para alterar esta situação, nomeadamente no que se refere ao apoio às pequenas e médias empresas, quer em relação ao crédito, quer em relação às taxas de juro?

Por último gostaríamos de lembrar que as actividades do AIC foram marginalizadas pelo anterior governo, quer em relação a verbas, quer em relação a meios técnicos e outros.

Continuando o AIC durante o Governo a que V. Ex.ª preside, esperamos que esta situação verdadeiramente anormal no Portugal democrático se modifique radicalmente, tanto mais que é conhecido o interesse de V. Ex.ª pelos problemas da mulher e da criança.

Pode a Senhora Engenheira prestar alguns esclarecimentos

mais concretos sobre o que tenciona o seu Governo fazer neste campo?

Senhora Primeiro-Ministro.

Depois de longos e difíceis meses numa política que foi bem a imagem da direita no poder — política de ilegalidades, violências e arbitrariedades sem conta — o Governo a que V. Ex.ª preside pela anunciada política de apaziguamento, isenção e diálogo que se propõe empreender tem suscitado (em amplas camadas da população) uma expectativa positiva.

Por outro lado, pela sua composição não pode igualmente o Governo de V. Ex.ª deixar de nos suscitar também motivos de reserva e interrogação como já o temos, aliás, sublinhado. Entretanto, e partindo da posição que apelaremos aquilo que o Governo fizer de positivo e que não deixaremos de combater os aspectos negativos da sua actuação, esperamos pelos esclarecimentos e respostas às perguntas que acabámos de formular e pelo desenrolar do debate para definirmos a nossa posição.

Hoje, como sempre, o PCP definirá a sua atitude pelos interesses dos trabalhadores, dos portugueses e de Portugal.